

Deponente: Patrícia Curtiss Alvarenga

Entrevistador:

Data: 25 de abril de 2017

ENTREVISTADOR: Bom dia, hoje dia 25 de abril de 2017, às 09:20 da manhã, na universidade Fumec, realizamos depoimento de Patrícia Curtiss Alvarenga e Danilo Curtiss Alvarenga, filhos de Gilmara Curtiss Alvarenga e Afonso Junqueira de Alvarenga. Está presente a bolsista da COVEMG Mariane Cruz, e vocês podem começar o relato de vocês.

PATRÍCIA: Bom, a gente deve falar da época da militância aí e dos nossos pais né, e de como a gente viveu esse período. A minha lembrança, a minha lembrança mais antiga disso, eu nem sei precisar quando foi, é que os nossos pais sempre conversaram com a gente bastante, ele sempre... Pelo menos comigo e com o meu irmão que vem logo depois de mim, então nós depois de percebermos que tinha, tava acontecendo coisas, tavam acontecendo coisas diferentes em casa porque amanhecia a sala cheia de gente dormindo no chão, os nossos pais saiam pra reuniões e falavam: “Nós vamos pra uma reunião.”, a gente não sabíamos do que. Aí eles conversaram com a gente e explicaram sobre... Eu, eu... o que eu lembro é que eles deram uma explicação sobre a situação política coisa que eles não estavam de acordo o que aconteciam que as pessoas eram pobres e que deram uma explicação sucinta de luta de classes e essas coisas, eu lembro que a gente achava justo, só que eu pelo menos tinha muito medo, meu irmão era muito mais compreensivo nessas coisas. Ele é um ano mais novo que eu. Danilo era muito pequeno, não sei desde quando começam as memórias dele com relação a isso, e as nossas... Ou seja, as atividades foram ficando sempre mais intensas, começaram a gente, a gente estudava numa escola, que era na frente da antiga FAFICH ali na Rua Carangola, e desde muito cedo assim aos 12 anos a gente foi experimentando o cheirinho de gás lacrimogêneo, porque quando acontecia manifestações na FAFICH a polícia invadia jogava gás lacrimogêneo ali e, nos estudante né, e se espalhava a nossa escola era bem na frente. E o papai explicava pra a gente que os estudantes estavam brigando, quanto às coisas estavam erradas e tudo; então eles sempre explicaram pra gente as coisas. Quando apareceu esse filme agora, a culpa é do Fidel, todo mundo achava que aquela menina parecia muito comigo, que toda a família toda quando viu falou: “Ah lembrei da Patrícia,

quando via a menina da culpa é do Fidel.”, eu acho que não, por que no filme os pais não explicam pra ela e os nossos pais explicavam pra gente, eles falavam das coisas. Aí quando...aí... Eu não lembro, ou seja, aconteciam fatos engraçados, na frente da minha casa tinha um muro branco, construíram cercando um lote, e o meu primo foi lá e cavou no muro com um estilete assim arrancou o reboco e escreveu MAC, MAC, acontece que ele estava escrevendo Márcio Alvarenga Campos que é o nome dele, o meu irmão foi lá na hora que leu MAC, era assim várias vezes um debaixo do outro assim, ele foi lá e fechou o c e virou MAO, MAO, MÃO, porque para ele o meu irmão MAC era movimento ante comunista, e ele ficou indignado de alguém ter escrito na frente de casa, movimento ante comunista e fechou MAO, MAO, meu pai quase que morreu e falou: “Billi como que você faz isso na frente de casa encheu o muro de MAO!”, e já era uma época de repressão brava. As lembranças mais doidas começaram quando a gente entrou na clandestinidade, ou seja, a gente ia vender a casa, eu passava os dias chorando, chorando, as fotos que estão lá com a família eu vivo de cara inchada, com o nariz vermelho e por que eu sabia e o Billi sabia. O meu outro irmão sabia nós sabíamos né, das coisas que estavam acontecendo. A gente em casa albergou várias vezes o Jorge Batista.

DANILO: Narras.

PATRÍCIA: Não, o Jorge Batista, o Jorge ele era o presidente da.

DANILO: UNI?

PATRÍCIA: UNI aqui. Inês Etiene, que a gente chamava de tia Tânia, ela era a Tânia e a gente gostava muito dela. Teve um episódio teve uma coisa... A Miriam, que ela não chama Miriam, acho que ela chama Marília, a gente só conhecia todo mundo com codinome.

DANILO: Eu tenho esse problema até hoje, não, tenho uma dificuldade pra decorar nome, eu acho gravou no inconsciente isso, que nome muda qualquer hora, porque eu encontrava uma pessoa num lugar tinha um nome, depois de um tempo encontrava de novo tinha outro nome, depois no outro tempo tinha outro nome, no Chile tinha um nome, em Cuba tinha outro nome, cada lugar tinha um nome, então nome pra mim tinha uma coisa momentânea, só prazer meu nome é tal, virou a costas já vou mudar de nome. Então até hoje eu tenho dificuldade de decorar nome por causa disso.

PATRÍCIA: Você bloqueou.

DANILO: Mas então aproveitando a pausa, vamos pegando assim por partes. Lembranças as primeiras, você já está entrando na clandestinidade, as primeiras que

eu lembro assim, eu era muito novo, eu sou mais novo dos seis, e eu tinha cinco anos na época que já foi, que a gente começou a fugir de, não é? Mas então essas reuniões assim e tal, às vezes eu acho que eles levavam a gente, porque eu lembro deles me levando não sei se é por que eu era caçula, aí o que eles faziam? Eles me deitavam por que eu sempre fui muito bom de referência, então eu lembro dos pais, o pai e mãe conta até hoje, o problema era quando eles me levavam eles tinham que tipo assim me esconder durante o caminho, aí quando chegava no lugar: “Há vamos descer do carro não sei o quê.” Eu só batia o olho e falava: “Ah isso aqui é tal lugar, tal lugar, tal lugar.”, eu reconhecia, reconhecia muito. Então eu lembro umas coisas assim que, não, mas não conta não sei o que, tá nunca entendia. Nessas época eu devia ter quatro pra cinco ainda. Eu lembro com cinco eles contando pra gente eu não lembro nada, não lembro desse papo, dessa conversa, se eu estava presente eu acho que não. Não lembro, mas eu lembro uma vez que eu entrei no quarto do pai e mãe, aí já era com cinco anos, ainda na Capelinha, na Serra, e eu vi no fundo do armário do pai assim uma espingarda, na cama tinha uma pistola, que eu fiquei encantado, e um bolo de dinheiro. Não sei se é que ele já tinha vendido a casa e a gente ia sair, não lembro, não tenho direito referência dessa época.

PATRÍCIA: A casa foi vendida quando a gente saiu.

DANILO: Foi depois, né?

PATRÍCIA: É.

DANILO: Então não sei da onde é que é, eu lembro um, bolos assim, sabe esses maços de dinheiro?

PATRÍCIA: Deve ter sido organização.

DANILO: É, financeiro pra gente sair, deve ter sido, porque pra ter memória assim... Deve ter sido das últimas e eu lembro da gente... A gente tinha um sítio, minha avó, meu avô da família em Betim, aí eu lembro de lá a gente atirando lá no campinho, o Billi, papai, acho que Márcio.

PATRÍCIA: Eu.

DANILO: Você também tava?

PATRÍCIA: Eu era a melhor.

DANILO: Eu lembro que tinha um...

PATRÍCIA: Papai ficava danado.

DANILO: Eu lembro que tinha um revólver grande, não sei se era 32 ou 38, prateado, que eu fiquei apaixonado com o revólver, mas eu não atirei com ele não, acho que o

Billi só e ocês que tavam atirando, eu não cheguei a atirar, não lembro de ter atirado, mas eu lembro dessa cena. Então dessa época pré, eu tenho poucas lembranças que eu era muito, muito novo.

PATRÍCIA: Mas não, é... A gente tinha uma espingarda de chumbinho em casa, era antiga.

DANILO: Não, a de chumbinho sim, mas essa não era de chumbinho não.

PATRÍCIA: Não?

DANILO: Não, a de chumbinho era do Billi, aliás.

PATRÍCIA: E tinha... não tinha uma espingarda que eles usavam antigamente, lá no sítio, papai, mamãe, as tias, usavam pra caçar, caçar passarinho lá no alto...mas papai tinha.

DANILO: Pra quê que era eu não sei.

PATRÍCIA: E papai tinha uma pistola, mas eu acho que eles recebiam dinheiro da organização pra comprar as coisas, né?

DANILO: É e também... é...

PATRÍCIA: Eu lembro várias viagens várias viagens...

DANILO: Recebia muitas pessoas.

PATRÍCIA: Pro Rio de Janeiro, várias viagens, várias viagens. Levava a meninada toda, isso papai conta no depoimento dele que...

DANILO: Isso eu lembro.

PATRÍCIA: No bagageiro do carro iam armas, livros e etc.

DANILO: E eu deitado em cima.

PATRÍCIA: Punha um edredom, e a meninada toda dormindo em cima ia pro Rio de Janeiro.

DANILO: E a gente sempre viajava muito de noite, isso eu lembro, ia todo mundo dormindo e eu ficava acordado com o pai, pai dirigindo e eu acordado lá. Essas viagens assim eu adorava viajar de noite de carro.

PATRÍCIA: Eu não lembro eu não ia, em geral não ia nas viagens ao Rio eu ficava com a minha avó, com uma tia, eu já era maiorzinha, achava chato os meninos. E. Aí você me cortou eu agora eu esqueço, vê o quê que acontece.

INTERLOCUTOR: O codinome do Marília?

PATRÍCIA: Ah é, a Marília ela veio fugindo do Rio pra cá, com dois menininhos pequenos e ela era professora de português e eu estava precisando de reforço em

português e eu ia pro aparelho onde ela estava escondida com um amigo nosso que isso eu li no livro dela, e que ela relata que esse amigo nosso estava ele era o marido dela né pra despertar sus... não levantar suspeitas entre os vizinhos, ela tinha dois meninos, o Marcelo e o Dudu, você não lembra deles? E eu ficava lá À tarde.

DANILO: Um tinha catapora?

PATRÍCIA: Teve, acho que o Dudu.

DANILO: E ficava no meu velocípede.

PATRÍCIA: E eu pintava as paredes pra eles, e era assim era uma coisa muito, era muito aflitivo, acho que é por isso que até hoje eu detesto ambientes vazios, uma casa vazia, pra mim assim tipo com poucos moveis me lembra aparelho, minha casa é entulhada de móveis toda vez que eu chego nm um lugar e a casa é meio vazia, tem poucos moveis, tem assim, mobiliário precário, ah não isso tem cara de aparelho não gosto não. E ela tinha pouquíssimas coisas e os meninos ficavam ali, tinha um patiozinho pequenininho que os meninos não podiam sair, ela não podia sair na rua, ou seja, eu sabia que era fugindo da polícia, mas a gente não consegue imaginar menina, não consegue imaginar a dimensão do negócio. Aí o que aconteceu depois que eu lembro assim foi a noite que, ou seja, a situação foi ficando tensa, a gente percebia que tava tenso, a gente não podia comentar nada com a família, ou seja, da movimentação dos pais, das coisas que eles faziam, e, mas eu acho que eu não me lembro disso de me preocupar muito, não comentava não comentava, não falava nada. Agora a noite que a gente saiu eu lembro muito bem, porque papai chegou...

DANILO: Com a Kombi.

PATRÍCIA: Com a Kombi.

DANILO: Trocou de carro.

PATRÍCIA: É. E a gente colocou tudo dentro da Kombi, a gente correndo de noite, e foi nossa, foi...

DANILO: Isso eu lembro também que foi correria esse dia. No meio de tantas viagens, né, tantos passeios noturnos e tal, essa ficou marcada, porque eu lembro que foi, acho que tinha uma tensão no ar que eu não entendia nada, mas que foi muito rápido, urgente, foi muito foi uma coisa assim meio pra ontem, né? Porque as outras eram meio que talvez avisa-se não sei, eram mais tranquilas as viagens, os passeios que a gente dava, mas essa foi assim foi de repente, acordou: “Não, nós vamos embora, nós vamos viajar não sei o que, parará, deixa, deixa, pega, deixa.”, não é? Então...

PATRÍCIA: Levamos pouquíssima... a gente deixou a Bianca, que era a nossa cadela, que tava com a gente desde de filhotinha, ela tinha idade da minha irmã, se eu tinha 12, 13, ela devia ter uns 11 anos né?

DANILO: Não sei.

PATRÍCIA: E a senhora que trabalhava com a gente, que ela adorava a gente, era muito boazinha, eu lembro dela, da gente saindo e ela despedindo da gente no portão de casa, e aí...

DANILO: De madrugada.

PATRÍCIA: Não de noite, de noite, não era de madrugada ainda não, era de noite, aí a gente parou num, num... ali na entrada da Nossa Senhora do Carmo, tinha um restaurante português, e a gente parou ali e ocês tavam dormindo no carro eu acho, eu desci com mamãe e a gente ficou ali um tempo, a gente tava esperando. Eu sabia, a gente tava esperando, ou seja, mamãe me conta, papai me contava pra mim, pro Billi e pra mim eles falavam. Que a gente estava esperando os companheiros que iam dar cobertura pra gente por que as barreiras tavam fechando. Parece que teve uma queda grande de vários companheiros e então foi uma grande perseguição aí. E caiu... papai, depois eu fiquei sabendo que ele tinha parece um ponto com um companheiro no centro, o cara não chegou.

DANILO: Isso foi em 69?

PATRÍCIA: É. E aí a gente parou ali naquele restaurante, eu lembro que eu chorava sem parar, e eu comi um bolinho de bacalhau que eu acho que ficou uma espinha espetada aqui até hoje, porque nossa doía a garganta eu não sabia se estava doendo porque estava chorando de mais, ou porque tinha comido um bolinho de bacalhau ali e aí a gente foi... os companheiros chegaram a gente entrou na Kombi, isso de noite, aí atravessamos e... ou seja, uma tensão que até doía, porque eu sabia o que podia acontecer, ou seja, tinham me dito, eu não tinha ideia de quão terrível poderia ser, mas a gente sabia. E aí eles foram na frente da gente, e a gente passou a barreira, eles pararam, era um fusca branco, eu acho. E aí depois a gente ficou sabendo. Eles voltaram quando a gente, quando a gente, e a gente foi pro Rio, aí foi quando nós entramos na clandestinidade, uma família com seis crianças na clandestinidade, eu na verdade eu não consegui imaginar uma coisa dessa e eles... e eles voltaram e quando eles voltaram, a polícia tinha fechado a barreira e parece que houve um tiroteio e eu tenho a impressão tenho que perguntar ao papai que morreram todos. Mas isso a gente só soube depois. E aí nós fomos pro Rio. Aí alugaram um... nossa estou falando

aí de mais. Foi alugado um... eles alugaram um apartamento, acho que a organização, e nós ficamos lá.

DANILO: Apartamento?

PATRÍCIA: É na Barata Ribeiro.

DANILO: Oh, eu lembro só da casa depois na Araruama.

PATRÍCIA: Em Araruama, não nós ficamos num apartamento na Barata Ribeiro primeiro.

DANILO: Mas foi pouco tempo então.

PATRÍCIA: Foi, porque o negócio tava apertando né. E...

DANILO: Aí nós fomos passar férias em Araruama.

PATRÍCIA: Não, teve uma coisa..

DANILO: Pra mim.

PATRÍCIA: Uma coisa horrível, eu acho que foi a coisa mais assustadora que aconteceu, assim com a gente. Papai tinha um ponto, ia encontrar com os companheiros e nós ficamos, eu acho que a gente já tinha trocado de carro, depois nos trocamos de carro de novo, por uma C14.

DANILO: C14, verde.

PATRÍCIA: Bege eu acho. Não sei, era uma C14.

DANILO: É uma das primeiras do Brasil.

PATRÍCIA: Tipo furgão grandão.

DANILO: Camburão.

PATRÍCIA: Só que ela não era tipo camburão.

DANILO: Ainda não era.

PATRÍCIA: E a gente estacionou no... Copacabana, no último posto lá, tinha arvore, eu lembro e era de noite e a gente ficou estacionado na praia.

DANILO: Hum, isso eu lembro.

PATRÍCIA: E vocês todos dormindo no carro.

DANILO: Eu tava acordado.

PATRÍCIA: Eu acho que o Billi foi com o papai, e mamãe ficou com a gente.

DANILO: A gente acordou. Eu lembro de comer cachorro quente.

PATRÍCIA: Não, isso a gente comia todo dia.

DANILO: Não, mas nessa parada eu lembro, vocês ficaram olhando submarinos, corrida de submarinos.

PATRÍCIA: Não, não, o que aconteceu foi que...

DANILO: Eu ficada lá: “O que vocês estão fazendo parados olhando pra o mar? Corrida de submarino”.

PATRÍCIA: Der repente começou a ter sirene de polícia e eu quase que morri, eu achei que eu ia morrer, o coração veio parar aqui. E mamãe e eu, as duas juntas olhando a rua estava fechada, fecharam a rua e várias motos de polícia passando ali. Eu falei: “Ah agora acabou.”, mas não era nada, eles estavam fazendo só manobra, ou seja, sei lá uma demonstração de força, mas tinha que ser justo ali, atrás de onde o carro da gente tava parado? E a gente apavorou nossa se papai tivesse caído, ou seja, mamãe não sabia nem dirigir o carro. Aí e eles começaram a fazer manobra e com sirene assim atrás, tinha um espaço, né, era a praia, a gente tava parado debaixo das árvores e eles ali na rua fazendo manobra, polícia.

DANILO: Isso não lembro.

PATRÍCIA: Não, cês tavam dormindo, tava acordada a mamãe e eu.

DANILO: Eu ia acordar com a sirene.

PATRÍCIA: Ahn? Não, ocê, ocês pequeno. E aí eles foram embora e papai chegou, nossa senhora foi, foi muito, foi, nossa, foi muito assustador. E aí a gente teve que mudar de novo, e aí alugaram uma casa em Araruama. E nós fomos de férias pra Araruama.

DANILO: Como foi final do ano, então pra mim ficou aquilo férias. Só que foi ficando esquisito porque foi terminando o ano, como entrou em 1970, passou o ano e as férias não acabavam a gente continua, continuava viajando e montões de amigos, tios, apareceram na casa em Araruama, e aí que começou a ficar um pouco diferente que nós fomos pra Porto Alegre. O plano parece deles né, a tentativa era de tentar atravessar a fronteira do Uruguai, aí essa viagem pra Porto Alegre foi muito estranha pra mim, já começou a ficar esquisito. Primeiro porque as férias não acabavam já tava na hora de voltar pra as aulas porque eu faço aniversário em primeiro de março, então eu lembro direitinho, fiz aniversário ainda a gente viajando, falei: “Ué, mas eu não tenho que, não tem escola? Não tem...”, coisa assim. Não, não sei qual foi a desculpa, só sei que viajar com os meus pais e meus irmãos era tudo de bom, então não tinha essa preocupação né, criança. E aí essa viagem pra Porto Alegre dividiu a família, porque parece que já tavam procurando um casal com seis filhos, porque ao mesmo tempo de ser uma loucura era um bom disfarce, porque ninguém também imaginava também né, seis crianças iam tá na clandestinidade. Dividiu um grupo foi pra São Paulo, acho, com o pai né?

PATRÍCIA: É.

DANILO: Eu não sei quem foi aí ela vai falar direito. E eu fiquei com outro grupo que pegamos o ônibus no Rio de Janeiro, na metade do caminho quando o ônibus parou em São Paulo entrou os outros, né? Pra dividir a família grande. E eu só lembro de acordar no ônibus e depois vi que ah, tá todo mundo aquela festa, “Ah, papai, não sei o quê.”, e continuou a viagem. Detalhes com ela que lembra, eu tinha recém feito seis anos.

PATRÍCIA: Era um medo constante, era assim a coisa que eu mais lembro era a sensação de medo e preocupação, porque quando separava então, era pior porque eu ficava imaginando o que ia acontecer com quem não tava perto. Eu não lembro quem foi eu fiquei eu saí do Rio de Janeiro com mamãe, Danilo e não sei mais quem.

DANILO: O pai deve ter ido com o Billi.

PATRÍCIA: Billi, Marina eu acho. E na rodoviária a gente já tava na clandestinidade devia fazer uns dois meses não é? Ou mais.

DANILO: Aí eu não sei.

PATRÍCIA: Na rodoviária pra pegar o ônibus pra ir pra Porto Alegre a gente realmente tinha os planos eram sair pelo Uruguai. A gente encontrou um amigo, um vizinho, da gente aqui da Serra, que a gente morava aqui na Serra. E ele: “Ué o que cês tão fazendo aqui?”, era o cumulo da má sorte. Mas ele foi muito legal parece porque mamãe deu uma resposta evasiva assim, porque era uma família vizinha nossa, que nós éramos muito amigos, e ela deu uma resposta evasiva e ele não perguntou mais, despediu da gente, parece que ele compreendeu a coisa. E a gente foi, encontramos ele com eles com os outros no meio do caminho, chegamos até Porto Alegre, e ficamos num hotel, a minha irmã a gente ia passear todas as mães, sabiam eu sabia que a gente tava na clandestinidade, que tava sendo procurado pela polícia, o Billi também sabia e a gente ia passear no parque Farroupilha.

DANILO: Não sei, era um parque.

PATRÍCIA: Foi lá onde eu aprendi a andar de bicicleta e a Andréia nisso tudo, aquela confusão tava sem dinheiro da organização, tava tendo uma confusão, a gente... ou seja não tudo os meus pais falavam com o Billi e comigo, mas bastante coisinha a gente percebia, mamãe é muito transparente, ela não consegue disfarçar. E Andréia quebrou a perna, andando de bicicleta ela caiu e quebrou a perna, então era assim, devia fazer um filme porque era só coisa atrás da outra. Aí uma menina que não conseguia andar de muleta, com a perna engessada, teve que ir ao hospital, teve que

dar o nome, um monte de coisa assim, e ela andando arrastando pelos corredores do hotel porque ela não andava de muleta, então andava arrastando a perna, sentada no chão.

DANILO: Eu lembro que também que eles contam né, que parece que os companheiros que eles iam encontrar pra atravessar a fronteira, ia conseguir a documentação tinha caído também. Então por isso que ficamos sem dinheiro totalmente, eu lembro que o pai falava, no café que era por conta do hotel, coma bastante no café porque a gente ficava um tempão sem comer depois e ia pro parque e passava o dia quase inteiro no parque. Eu só lembro de Porto Alegre isso, eu lembro do parque, lembro deles andando de bicicleta e eu doido pra aprender a andar de bicicleta não sabia, era muito pequeno e passava o dia no parque e hotel, e do hotel pro parque e do parque pro hotel. E até que um dia, e eu lembro disso da Deia, quando a Andreia, né, quebrou a perna uma coisa que me chamava atenção, era que quando as vezes chamava: “Pai, pai”, e ele não atendia, eu lembro que a Andréia falava: “Afonso Junqueira de Alvarenga”, ele atendia numa prontidão assim vup, na hora era rápido, falei, opa então falando o nome do pai.

PATRÍCIA: Ele atende.

DANILO: Ele atende bem rápido. Depois em outros depoimentos o pai falou que era eu, eu acho que eu...

PATRÍCIA: Era você.

DANILO: Devo ter aprendido com alguém, porque eu não ia tirar isso né? Eu lembro da Andréia, por causa da perna, falar isso e aí eu acho que eu depois devo ter pego porque funcionava. Mas não lembro mais detalhes e aí um belo dia da minha lembrança, a gente vai viajar mais uma vez, só com o papai, e nós fomos pra São Paulo?

PATRÍCIA: Pra São Paulo.

DANILO: Os cinco, o Billi ficou, e aí nós fomos pra São Paulo e de São Paulo viemos pra cá. Só os filhos.

PATRÍCIA: Papai deixou a gente no aeroporto, e falou comigo, se ele tinha que buscar autorização pra gente viajar, e ele falou: “Oh loura, se eu não voltar em uma hora, você pega um táxi, e vai pra casa da sua tia avó.” que era na Vila Mariana que eu tinha ido uma vez, quando eu tinha quatro anos, e eu não lembrava onde era. “E vocês vão pra lá, porque vai ser que eu cai.” Aí nós ficamos no aeroporto eu com os quatro menores, e esperando que desse uma hora, eu não lembrava onde era a casa dessa

tia, uma tia avó, era uma prima da minha avó, eu só sabia que era na vila mariana, e eu lembrava da fachada da casa. E papai chegou uns cinco minutos, antes de dar uma hora, aí ele tinha que telefonar pra Belo Horizonte, e a gente sabia que todos os telefones da família tavam grampeados, então ele ia ser localizado. Ainda bem que parece que a tecnologia da época era bem mais falha porque senão seria na hora que eles localizariam né. Ele telefonou pro aeroporto pro meu avô falando: “Papai os menino tão indo, espera eles no aeroporto, voo tal.” E a gente veio, chegamos aqui tavam meus, o meu avô paterno, e a minha avó materna esperando gente. E nós ficamos com eles, ficamos divididos no começo, aí a gente não sabia mais nada do papai e da mamãe. Era um horror, assim, nada, não tinha notícia nenhuma, então era um pânico que eu olhava jornal e sem nó... Eu não sabia se... aí de verdade que a gente percebe que não ter notícia é uma boa notícia, aí ficamos no começo, nós ficamos separados, ficamos Andréia e eu acho com a minha avó, e você? Onde você ficou?

DANILO: No começo eu lembro ter ficado com a tia Mirna, a vovó.

PATRÍCIA: Não, acho que você ficou com a tia Mirna e Marina.

DANILO: É não sei quem. Eu fiquei com a tia Mirna, na rua jornalista Jair Silva, no Anchieta, no

bairro Anchieta, fiquei ali com a minha tia, a vovó morava com ela já.

PATRÍCIA: Não, vovó tinha um apartamento nós ficamos separados.

DANILO: Vovó ainda estava no apartamento?

PATRÍCIA: Eu acho que sim.

DANILO: Porque o vovô já tinha morrido.

PATRÍCIA: O vovô já tinha morrido. O negócio é que o vovô, o vovô, o vovô Antônio, ou seja, o pai do papai ele decidiu: “Não os menino têm que ficar juntos. Não é possível eu já sem pai e eles todos separados.” E aí nós ficamos com, a vovó alugou um apartamento na frente da casa... é ela morava com a tia Mirna, é.

DANILO: Essa vovó é vó materna.

PATRÍCIA: É. E ela alugou um apartamento na frente da casa da minha tia irmã da minha mãe e aí nós fomos todos morar com ela nesse apartamento.

DANILO: É porque logo no início eu acho que eu fiquei com a tia Mirna.

PATRÍCIA: Pois é, acho que Alex ficou com tio Luli.

DANILO: Alex ficou com o Luli e cada um praticamente com o seu padrinho. A Deia foi pra Brasília?

PATRÍCIA: Não.

DANILO: Porque o Billi depois...

PATRÍCIA: Ah é.

DANILO: Ele foi pra Brasília.

PATRÍCIA: Não, o papai deixou ele em Brasília, ou botou ele num...

DANILO: Não. Botou no avião.

PATRÍCIA: Botou no avião em Brasília, e o irmão do meu pai pegou ele lá, e foi muito engraçado, que ocê estava no grupo que foi?

DANILO: Não sei.

PATRÍCIA: Que tava Deia, Alex e Márcio.

DANILO: Não, acho que não, acho que eles foram de Fusca.

PATRÍCIA: É tio...

DANILO: No Fusca do Tio Mário.

PATRÍCIA: Não, do tio Nelson.

DANILO: Ah.

PATRÍCIA: E foi muito engraçado que eles não sabiam que eles iam encontrar esse, o Billi lá o meu irmão, porque ele foi pra casa desse irmão do meu, papai, ele conta que ele percebeu que o negócio tava ficando muito difícil e uma semana antes deles caírem né, ele falou: “Não, Billi, você não pode ficar mais com a gente.” E colocou o Billi no avião e mandou ele pra Brasília pra casa desse irmão dele.

DANILO: Então, o que aconteceu, nós fomos voltamos pra Belo Horizonte e aí o Billi ficou acho que um mês mais ou menos com eles, mais lá em Porto Alegre. E aí depois disso que mandaram o Billi pra lá então quer dizer depois de mais ou menos um mês é que juntou os seis irmãos de novo. E aí nós fomos pra casa da minha, pro apartamento esse que a minha avó alugou na frente, minha avó materna, alugou na frente da casa da minha tia irmã da minha mãe.

PATRÍCIA: Ah isso a gente, porque a gente não conseguiu sair Uruguai parece que tinha fechado as fronteiras também.

DANILO: A pessoa tinha sido presa, o pai conta que o cara que ia passar eles tinha sido preso também, que foi o que acho que entregou eles e tal. Não sei, só sei que eles contam que eu lembro dele contar é mais ou menos disso. Que de foi acordar de madrugada e que o cara chegou com a mão toda arrebatada, e falou: “Companheiro não resisti.”

PATRÍCIA: Mas isso eles mandaram a gente de volta, porque já não dava mais pra passar.

DANILO: Sim.

PATRÍCIA: E ele não tava preso, ele encontra com a gente, eu lembro dele.

DANILO: Ah eu não.

PATRÍCIA: Aí na escola, a gente não falava eu não lembro de me perguntarem onde tavam meus pais, eu tinha colegas maravilhosos, eu assim, eles não perguntavam, e parece que eles sabiam mais ou menos. Porque naquela época, mesmo os meninos de 12 anos, 13 anos, 14 ou seja, tava vivendo uma coisa assim né. E eu lembro a Déia conta uma coisa que aconteceu comigo muito parecido, que um dia, antes deu sair de casa, na hora que eu jornal, tinha na última página tinha a foto do papai e mamãe entre vários companheiros, sendo procurados pela polícia, terrorista horrendos, assassinos comedores de criancinhas e etc. a foto deles.

DANILO: Esse jornal tá em Anchieta.

PATRÍCIA: E quando na aula o professor parece que pelo nome ele sabia que eu era filha de Gilmar Curtiss Alvarenga, impossível não saber ou era filha ou irmã. E aí ele, ele estava, ele não tinha costume de ler o jornal, e ele levantou o jornal, nesse dia, assim aconteceu a coisa mais bonita que eu já vi, foi os dois, meu, dois amigos meus, a Cristina, Maria Cristina Ladera, e um colega que chamava Eduardo, eles andaram do meu lado, assim eles nunca falaram, eles não falaram que eles tinham visto no jornal, eles me escoltaram durante o tempo todo que eu estive na escola, eles andavam do meu lado e todo mundo que ia chegar perto de qualquer coisa, eles iam primeiro e assim tipo: “O que você quer com ela?”. Foi muito, eu sei que você foi muito lindo, isso eu lembro direitinho. E ou seja, então pelo jornal ainda bem a gente sabia que eles não estavam presos, que estavam vivos ainda.

DANILO: Não, que não tavam morto.

PATRÍCIA: Pois é, que não tavam presos porque tavam sendo procurados, e tavam vivos ainda, o que era, já era um alívio imenso. Quando é a gente soube que eles tinham sido presos?

DANILO: Bom, mas pera, aí nesse ano o que acontece, a gente sempre cantou muito. Uma coisa também que, porque o meu pai quando eu nasci, pai, mãe, dois tios, irmã da minha, do meu pai, tio e tal, eles cantavam no coral Julia Pardini, eles cantavam no coral infantil do Julia Pardini, então eu nasci no meio da cantoria, e assim todas essas viagens que a gente fazia, noturna e tal, era sempre cantando, o povo, não é? A gente

cantava primeira, segunda, terceira voz, canto coral mesmo. Então o que acontece, durante esse ano, se eu conseguir terminar de falar, durante esse ano, em que tavam presos, separados, músicas de canto coral, eu lembro direitinho, (trecho em inglês) eu escutava aquela música, eu chorava, mas chorava, porque eu lembrava deles. E teve um fato na casa da minha avó, que eu de saudades esperei todo mundo sair, eu vi como é que ligava pra interurbano, peguei o telefone disquei zero...

PATRÍCIA: Acho que eles já tavam preso.

DANILO: Liguei pra telefonista, acho que sim, não sei. Liguei pra telefonista, porque tinha que pedir telefonista naquela época né? “Quero uma ligação com Porto Alegre.”, “Tá onde? Acho que falei hotel, acho que eu sabia o nome do hotel, não sei, eu falei o nome do hotel.

PATRÍCIA: É, eu não lembro, a gente sabia, mas eu também não lembro.

DANILO: Com quem você quer falar? Falei: “Com Afonso Mara, tal, não sei o que.” Aí eu lembro que a telefonista perguntou: “Tem algum adulto em casa?”, eu falei: “Não, tem ninguém.”, nem sei se tinha, falei que não tinha, acho que não tinha não, acho que vó tinha saído pra comprar. E aí eu lembro que ela falou: “Então tá, vou tentar fazer a ligação.”, ou não sabia o número do hotel, não sei, alguma coisa assim, “Daqui a uns 20 minutos eu volto a retornar, porque telefonista demorava naquela época né pra retornar. E aí eu lembro que nesse meio termo chegou alguém, não sei se foi algum... Andréia ou se foi a minha avó e aí a telefonista retornou, e aí falaram não, aí vieram perguntar: “Você ligou?” “Liguei.”, você quer falar, ah mas não pode, não sei o que, não deu pra encontrar, não sei qual foi a desculpa, só sei que eu tentei falar com eles, ligando assim: “Eu quero falar com Afonso Mara, quero falar com o papai.”

PATRÍCIA: Eu quero falar com a minha mãe.

DANILO: Quero falar com a minha mãe, não é? Não tinha nenhum lugar. E aí pouco depois que realmente cada um...eu lembro que pouco depois eu fui morar com a tia Ceia que é a minha madrinha não sei, porque eu lembro que nós fomos morar acho que vovó mudou.

PATRÍCIA: Não.

DANILO: Morava no apartamento de cima da tia Ceia.

PATRÍCIA: Não. Ah nós mudamos, é verdade nós mudamos.

DANILO: Que aí já foi próximo do final.

PATRÍCIA: Quando a gente foi embora, é.

DANILO: Mas eu lembro, eu não sei se é viagem minha, ou sonho ou se é lembrança mesmo, de ver em Anchieta a foto deles... bom mas antes disso o que acontece.

PATRÍCIA: Foi, mas a gente ficou sabendo que eles tinham sido, entrado na lista em Anchieta, foi na época do meu aniversário assim.

DANILO: É, foi. Antes disso o que acontece nesse período acho que o meu avô paterno ele consegui soube que os meus pais tinham sido preso e que eles estavam em Linhares.

PATRÍCIA: Aí a gente soube que eles tinham sido presos e eles contaram pra gente, foi um alívio. Agora quando a gente, quando a gente soube, eles já tinham passado por tudo. Não... vovô, vovô acho que vovô e tia Ceia foram lá no Rio Grande do Sul, eles foram.

DANILO: Vovô foi.

PATRÍCIA: Foi.

DANILO: Eu lembro que a mãe conta esse caso.

PATRÍCIA: Eles foram lá no Rio Grande do Sul.

DANILO: Logo quando eles foram presos.

PATRÍCIA: Ou seja, pra mim foi um alívio, assim, saber que eles estavam presos, pra mim foi um alívio, porque a gente sabia o quê que acontecia com o pessoal que caía. Billi e eu...a gente sabia todos os casos. Então a gente sabia, quando passava carro de polícia eu morria de medo, porque eu sabia que eles pegavam os filhos do pessoal que era preso, e torturava as crianças na frente dos pais. Então eu acho uma bênção que os meninos não tivessem muita consciência das coisas, porque esse medo constante, esse sofrimento mental de tá prevendo alguma coisa que poderia acontecer ou era muito, era muito pesado. E quando eu soube que eles tinham sido preso eu senti um alívio muito grande, porque se tá preso tá vivo. Eu perguntei vovô, quando eles foram ver eles lá no Rio Grande do Sul eu perguntei se eles tinham sido torturados, vovô: “Não, não sei o que.”, depois eu perguntei pra mamãe, mamãe falou: “Oh quando ela foi lá a gente tava todo roxo.”, mamãe tava toda roxa, porque tinham torturado ela... eu não sei que a gente pode falar que é uma tortura mais leve, mas a gente sabe das coisas que aconteciam com as, que aconteceu com tantas outras companheiras, mamãe apanhou muito. E um major que era faixa preta de caratê ele se exercitou numa senhora mãe de seis filhos, encapuzada, isso é... Esse é o exemplo de, né, de valor, de coragem. Aí ela falou: “A gente tava todo roxo, todo roxo.” Papai

levou choque, foi pendurado no pau de arara, mas mamãe, mamãe ela se pode considerar ela apanhou muito, Que arreventaram os tímpanos dela.

DANILO: Nesse período que eles tavam presos, a gente ainda com a minha avó, eu lembro que depois que eles foram pra Linhares, uma vez, eu vivia chorando sei lá, devia estar extremamente deprimido, eles resolveram, a gente foram, nós fomos tentar visitá-los em Linhares, eu lembro acho tava a tia Céia não sei se o vovô, pai do meu pai, acho que foi ele que foi dirigindo, não sei ou se foi vovó, mãe da minha mãe.

PATRÍCIA: Acho que vovó foi também, ela ia sempre.

DANILO: É, eu lembro que eu fui, não sei se tinha mais algum irmão.

PATRÍCIA: É, acho que foi você e a, foram você e Alex, a gente pensou que era melhor ir vocês, os mais novos.

DANILO: Isso foi já no final de 1970, foi logo quando aconteceu o sequestro do embaixador suíço, então eles fecharam o presídio, eu lembro que nós chegamos na porta do presídio e a gente não pôde entrar. E eu berrava que eu queria ver a minha mãe, e chorava assim, eu só lembro de dentro do Fusca, eu lembro Fusca, acho que foi vovó, porque era o Fusca da vó.

PATRÍCIA: É, mas o vovô também tinha um Fusca.

DANILO: O dele era vermelho. E eu queria ver minha mãe, queria ver minha mãe, queria ver minha mãe, e minha mãe disse que nesse dia, ela soube que a gente tava lá fora. O que só veio a acontecer depois em março, porque aí no meu aniversário de sete anos, a gente já tava morando em cima da casa da tia Ceia no bairro Cruzeiro, e aí a minha festa de sete anos eu lembro assim que foi uma festa de despedida da família. Que a gente ia encontrar com os meus pais, não queria saber de mais nada.

PATRÍCIA: Aí a gente, ou seja tinha tido sequestro e teve toda aquelas negociações que a gente não sabia, e nós estávamos em Anchieta, a gente passava as férias em Anchieta lá onde mora agora os meus pais. E desde sempre a família também, os dois lados da família passa as férias em Anchieta e aí...

DANILO: Eu lembro de ter visto o jornal.

PATRÍCIA: Mais ou menos no meu anivers... não a gente tava lá, eu fiz 15 anos lá, e o meu avô, vovô ligou pra vovó e falou pra gente, e a gente morava era como que meio acampado e depois aí nós fomos morar num quarto grandão, que o papai fez divisões com armários, e ficou assim tipo um loft. Nós moramos em um loft, e eu não lembro quando que a gente recebeu isso, eu acho que nas visitas...porque a família quando

papai e mamãe tavam presos, eles ponderavam muito quão traumático seria se a gente fosse encontrar com os nossos pais atrás.

DANILO: Na prisão.

PATRÍCIA: Na prisão, atrás de grade não sei o que. Eu acho que trauma maior era não poder vê-los, mas todo mundo queria assim preservar a gente ao máximo. Eu acho que essas coisas a gente recebeu que vovô trouxe de uma das visitas, porque isso aqui eu lembro de usar, papai fez pelo menos os anéis, ele era um pedaço de madeira que ele conseguia, ele afiou um prego, no cimento e ele alisou, e modelou e fez um anel pra cada filha, tem uns de metal também, mas o de metal ficou no Chile né, não lembro. Então o meu dedinho não entrava aqui na época. Faz bastante tempo. Então nós temos nossos anezinhos de madeira que o papel fez na prisão.

DANILO: Ele fez uns tapetes, tapeçaria, eu não sei se essa almofada foi o meu pai ou minha mãe que bordou também, o tapete era no mesmo tom, nas mesmas cores.

PATRÍCIA: É. Ele fez uns cintos pra gente bordado assim, com juta e lã que além do mais estavam super na moda, agora são relíquias, mas na época que o final da era dos hippies né?

DANILO: Como adorava super heróis, como todo menino ele fez essa pulseira pra me dar força.

PATRÍCIA: De força.

DANILO: E aqui atrás não sei depois lá vai conseguir ver, ele assinou da forma que ele escrevia o nome dele, é uma carinha, é um rosto que escreve Afonso com dois F, a orelha, o cabelo e o rosto é um F, o outro olho é outro F.

PATRÍCIA: Ele fala que ele faz uma catita.

DANILO: E aí ele sabia que era dele, então eu lembro ele falar: “Onde ocê ver isso daqui pode saber que fui eu que fiz, porque eu fui o único Afonso com dois Fs.” E Chile primeiro foi aquela morando outro, nessa escola...

DANILO: Mas, e a gente tomava banho num banheiro público.

PATRÍCIA: Não.

DANILO: O banheiro daí público da escola assim não era.

PATRÍCIA: Não, não, pois é, tinha.

DANILO: Não tinha individual.

PATRÍCIA: Não, tinha.

DANILO: Eu lembro naquele banheiro lá em cima.

PATRÍCIA: Oh, o negócio foi assim, tinha um banheiro que era da escola, um banheiro enorme, gelado, a água era 4º grau. Então eu lembro de um companheiro que falava: “Antes de entrar naquele chuveiro, a gente abre o livrinho vermelho do companheiro (trecho incompreensível) quantas páginas hein, a gente entra para debaixo daquela água.”. A gente esquentava a água subia...

DANILO: Três.

PATRÍCIA: Três, três andares com balde de água e tomava banho de canequinha num um banheiro enorme gelado, aí íamos as meninas assim. Cabelão até aqui...

INTERLOCUTOR: E ficava alguém na porta, porque tava sendo ocupado quando a gente tomava banho, alguém ficava na porta pra os outros não usarem o banheiro.

DANILO: Aí depois, eles compraram, você lembra? Um chuveiro a gás.

PATRÍCIA: Não, não lembro.

DANILO: Não, a álcool. Que era... Se vocês não conhecem não procurem conhecer, é um pavor. Ter um pratinho que cê enche de álcool, bota fogo, fecha e ele aquece a água que passa pelo chuveiro de alguma forma. Só que o banheiro era um cubículo desse tamanhinho assim, então fechava a porta ele enchia de fumaça, então você sairia de lá totalmente defumada. Os olhos vermelho, ardendo, era um horror, esse banheirinho era lá perto da cozinha, lá no gás, você não lembra?

PATRÍCIA: Não.

DANILO: Foi uma época muito...seja, foi muito, começou uma época muito rica, porque era ruim morar lá, e a gente, eu pelo menos, eu estudava no Liceu, no centro da cidade, e naquela época eu já me preocupava de me vestir não sei o que...ne mocinha 15 anos, Lolita como se dizia no Chile. E a gente andava sempre com umas roupas tão andrajosas, e a gente ia às vezes pro centro de Santiago, pra sauna. Papai ia com os meninos pruma sauna e mamãe ia com as meninas pra outra sauna pra gente tomar banho, lavar cabeça, porque nesse, no lugar era uma dificuldade, a gente tomava banho, mas a canequinha pelo amor de Deus, aquilo era frio de mais.

DANILO: A escola chamava Olgar Taier.

PATRÍCIA: Olgar Taier Pedro Aguir Lacerda. Agora é uma universidade?

DANILO: É universidade do Chile. E eu me lembro das roupas, muita coisa era doação.

PATRÍCIA: É.

DANILO: Porque eu lembro que num canto da escola, do Olgar Taier do lado de fora...

PATRÍCIA: Tinha sapato.

DANILO: Uma pilha, pra mim era uma área desse tamanho, não devia ser desse tamanho, desse estúdio, não é, mas devia ser menor, mas era pilha de sapato, que eu e não sei quem.

PATRÍCIA: Todos.

DANILO: Pulava do segundo andar na pilha.

PATRÍCIA: A gente pulava da janela desse loft, desse quartão que a gente morou, os meninos pulavam da janela nessa pilha de sapatos.

DANILO: Na pilha de sapatos.

PATRÍCIA: Então eram todos, todos, menos eu, porque eu muito medrosa eu tinha medo de torcer o pé na hora de caísse lá embaixo, e todo mundo e os filhos dos outros companheiros estavam morando lá, pulando pela janela.

DANILO: Eu lembro que aí, por exemplo, nós fomos pra uma escola, em que era separado menino de menina, e eu entrei em pavor, não entedia direito o idioma. É separar até dos meus irmãos, porque ir ara a escola eu já separava dos meus pais, nessa época eu acho que ainda tava meio traumatizado separado deles, e aí separava dos meus irmãos. A única coisa que me deixava um pouco mais tranquilo é que eu sabia que em alguma sala ali tava o Alexandre, que é o meu irmão logo acima de mim, logo acima são três anos. Mas eu também eu lembro que entrava em pavor que quando a professora saia da sala ela trancava com chave a porta da sala pelo lado de fora, era uma escola estilo antigo, então pé direito altíssimo, aquelas portas meio parecendo, né medieval não, como que chama?

PATRÍCIA: Império?

DANILO: É e madeira antiga.

PATRÍCIA: De duas folhas?

DANILO: Duas folhas, altíssimo, a janela tudo fechava então eu só via o pátio por uma frestinha da janela, e quando é criança o professor sai aquela bagunça e os meninos começava a gritar, e pular, e correr em cima na sala de aula, eu não entendia nada o que quê tava acontecendo. Eu ficava colado na janela olhando só a frestinha tipo assim, um espaço livre lá fora, e morria de medo, o meu sonho era sempre que acabasse a aula pra encontrar o Alexandre, o recreio, encontrava o Alexandre. Ou então acabasse a aula encontrar e ir para a casa logo, encontrar meus pais e o resto dos irmãos, porque tinha pavor. Aií eu lembro, né, cantoria de novo, eles ficaram sabendo não sei que a gente cantava, que eu cantava não sei, e aí uma das aulas sei lá, uma coisa assim, eles cantaram e aí eu lembro que a professora pediu pra eu

cantar uma música brasileira, uma música que a gente cantasse e tal. Primeira música que me veio na cabeça que a gente cantava muito né, várias vozes que nem eu falei coral, foi Frère Jacque.

PATRÍCIA: Muito brasileira.

DANILO: Eu cantei Frère Jacque. Mas é portuguesa? Eu falei: “Eu não sei, eu canto isso com a minha família, não me interessa que idioma, não sei o que é, eu canto isso com os meus irmãos, meu pai, minha mãe, essa música não sei donde é não.”, pronto, resolvido. Aí teve o concurso de desenho, eu ganhei o concurso, não sei se realmente eu ganhei porque eu mereci ou porque prêmio de consolo, porque devia, fiquei desesperado naquela escola, menina e menino de um lado, nunca tinha visto esse troço, não é, de separar. E tinha uma coisa que eles davam todo fim de mês pra cada criança, na época do governo Allende, um pacote de...

PATRÍCIA: Leite em pó.

DANILO: Leite em pó.

PATRÍCIA: En polvo.

DANILO: Aí a gente arrancava a beiradinha e ia para casa chupando lei em pó.

PATRÍCIA: Eu lembro também a gente, não sei quando a gente acordava de manhã cedo pra fazer ginástica com o pessoal todo os banidos todos, vários né. Saíam correndo, fazia ginástica, não sei o que, tinha um parque perto, que tinha piscina...

PATRÍCIA: Era lá, no UPS.

DANILO: A gente saía, tipo atravessa a rua do lado.

PATRÍCIA: É o parque era grande, não é?

DANILO: É, é o Parque Colcin.

PATRÍCIA: Tinha uma lagoa.

DANILO: Ou então era a lagoa do Parque Colcin.

PATRÍCIA: É.

DANILO: Outra coisa que eu me lembro uma vez que a gente tava lá ainda no lugar Olgar Taier, foi que teve um terremoto, tava a Patrícia pintano.

PATRÍCIA: Tava fazendo dever de casa de artes plásticas.

DANILO: E os seis ao redor da mesa vendo ela...

PATRÍCIA: Cinco, os quatro, porque a Marina tava no corredor lavando louça.

DANILO: É a gente vendo ela e conversando, a farra né quando junta os seis a gente só faz bagunça. Aí toda hora esbarrava na mesa e ela...

PATRÍCIA: A mesa era de bambu e fazia assim.

DANILO: E ela brigava que a gente esbarrava na mesa, aí de repente começou um barulho muito forte.

PATRÍCIA: Mas a gente não prestou atenção muito no barulho porque lá era estacionamento de caminhão, a escola tava ocupada como moradia pro os exilados, mas os caminhões estacionavam no pátio.

DANILO: Mas esse barulho, era um pouco diferente, eu não sei...

PATRÍCIA: Ele não parava.

DANILO: Se tava também a situação, eu lembro que não sei se alguém comentou eu falei: “Mas isso é trator, é tanque?”, não sei também, porque aí, não é, tava época da guerra do Vietnã a gente via muita coisa.

PATRÍCIA: Aí começou a balançar, balançava, balançava a janela tuc, tuc, tuc, os vidros tec, tec batendo.

DANILO: E aí eu lembro da Patrícia falar: “Se alguém esbarrar mais uma vez nessa mesa, vou não sei o que.”, xingou e falou que ia bater alguma coisa.

PATRÍCIA: Aí eu levantei a vista assim....

DANILO: Aí nós olhamos ninguém na mesa.

PATRÍCIA: Tavam todos, tavam e todos parados assim estáticos em volta da mesa assim.

DANILO: E a mesa tuc, tuc, tuc e os vidros tec, tec, tec, e o barulho.

PATRÍCIA: O Billi e eu já tínhamos lido muito sobre, a gente, meu avô o pai do papai ele colecionava seleções, e o Billi e eu devorávamos tudo que aparecia né? E a gente já tinha lido sobre terremoto. Nós olhamos para o outro assim, chamamos todos saímos correndo.

DANILO: Terremoto, todo mundo para fora. Aí saímos todo mundo correndo.

PATRÍCIA: Porque o corredor ele era um corredor grande e a minha irmã tava lavando...

DANILO: Todo mundo correndo.

PATRÍCIA: Por que a gente não tinha banheiro no quarto, o banheiro era no corredor, e ela tava lavando vasilha no corredor, e ela disse que viu passar, quando passava todo mundo correndo assim ela falou: “Uai, então vou correr também.”, e saiu correndo atrás.

DANILO: E aí eu lembro que a gente desceu, e der repente aí... pai e mãe...

PATRÍCIA: Papai e a mamãe tavam numa reunião.

DANILO: Ahn. Que aí gente encontrou com eles lá em baixo, e aí apagaram-se todas as luzes, foi embora a luz da cidade, só via morcego e pombo e bicho voando pra tudo quanto era lado, e as janelas dos prédios abria e fechava, bra, bra, bra...

PATRÍCIA: E os caminhões que tavam parados do lado da gente saltavam do chão assim com as quatro rodas, toim, toim, toim, toim.

DANILO: Pulando né? Eu lembro que teve um companheiro nosso não lembro quem, cê deve lembrar, passou correndo e foi embora assim.

PATRÍCIA: Catarino, ele arrancou um pedaço do meu pé.

DANILO: Correndo, falei: “Gente, aonde é que ele vai correr nesse... Eu lembro que a minha mãe pegou no colo e eu comecei a chorar assim: “Mãe, vã embora, vão embora pra um país que não anda.”, que dava impressão que ele tava andando, que aquilo...

PATRÍCIA: E o Billi e eu olhando pra o chão esperando ver abrir um greta pra gente pular, que a gente sabia que isso acontecia.

DANILO: E durante é horrroso, depois virou até piada, né? Virou história e tal. Aí minha avó materna foi visitar a gente pouco depois, ainda no lugar né, foi, ela foi duas vezes então.

PATRÍCIA: Foi.

DANILO: E aí a gente fazia toda, a gente não eles, né, eu participava assistindo das loucuras deles. Empilhavam latinhas pra avisar quando tivesse...

PATRÍCIA: Sismógrafo.

DANILO: Sismógrafo que eles inventaram, porque eles tinham lido que sempre depois de um grande tinha vários outros menores.

PATRÍCIA: Quando entrava visita, quando entrava visita no quarto, a gente, cada um se punha numa posição estratégia e um ficava assim na janela que faz um barulho parecido, tuc, tuc, tuc os outros ficavam nós armários, tu, tu, tu, tu, tu. E aí as visita começava: “Temblor, temblor.”

INTERLOCUTOR: Vocês ficaram lá até 73?

DANILO: Não.

PATRÍCIA: Não.

DANILO: Nós ficamos um tempo nesse Olgar Taier, né, nessa escola, e depois não sei como pai e mãe conseguiram o governo cedeu...

PATRÍCIA: Não, não.

DANILO: Bom, fomos pruma casa.

PATRÍCIA: Antes, não. Antes teve a intentona.

DANILO: A gente não tava na casa ainda não?

PATRÍCIA: Não, a gente tava no lugar. Antes teve um...

DANILO: Tentativa de golpe.

PATRÍCIA: Tentativa de golpe, né? E aí eles tiraram a gente de lá e colocaram a gente no apartamento numa... Na quinta normal chamava, e era um apartamento desses pré-fabricado e tudo, nós ficamos lá acho que....

DANILO: Uma semana, 15 dias.

PATRÍCIA: Uma semana até passar, até o pessoal que cuidava dos exilados achar que já não tinha mais perigo, porque eles, eles achavam que num caso de golpe os primeiros que iam ser caçados seriam os exilados políticos né.

DANILO: Como de fato foi. Aí eu lembro desse período, dessa semana, dessa coisa que foi também assim daquelas correrias, vai correndo, e ficamos nesse apartamento não podia sair também né.

PATRÍCIA: É a gente não saía.

DANILO: Quase que, eu lembro assim do quarto beliche.

PATRÍCIA: Era um duplex.

DANILO: E ficava lá.

PATRÍCIA: A gente dormia no chão, não era colchão no chão.

DANILO: Não era beliche não?

PATRÍCIA: Não, não sei.

DANILO: Era beliche.

PATRÍCIA: Tinha um quarto onde ficava papai e mamãe, e outro colchão no chão, a gente num quarto cheio de colchão e o Bretãs ficava, ele dormia num sofá lá em baixo que ele ficava fazendo a segurança da gente, ele que tava fazendo a segurança da gente.

DANILO: Aí depois disso a gente foi pra uma casa, acho que o governo cedeu.

PATRÍCIA: Não, não sei cedeu, ou se era, era uma casa.

DANILO: Era uma casa no...

PATRÍCIA: Uma casinha, parecia casinha de boneca.

DANILO: Era bairro popular, dessas casas populares, bairros de casas populares que se constrói aqui também né, era uma casinha minúscula, três quartos?

PATRÍCIA: Três quartos, mas um quarto parecia um armário.

DANILO: O quarto do pai e da mãe só cabia a cama, a porta assim aí você passava, devia ter uns 30, 40 centímetros entre a cama e a parede. No nosso... e os móveis

acho que foi o papai que fez, as camas, os armários, as mesas, as cadeiras, ele sempre fez, ele sempre trabalhou com isso também né, sempre gostou de fazer. E aí dos quartos, como são três meninas e três homens também, três meninos, então era sempre uma beliche e uma cama, uma beliche e uma cama, uma beliche e uma cama. E aí eu lembro também assim, a gente via muito documentário, vimos documentário sobre Cuba, Fidel, sobre Vietnã, na plena época da guerra do Vietnã.

PATRÍCIA: Quando Fidel teve lá em, quando Fidel teve a gente...

DANILO: Então eles, eu lembro que pai e mãe sempre mostrando pra a gente o contexto do quê que tava acontecendo, e uma coisa que gravou muito pra mim, pra vida inteira foi que a gente não era exilado, a gente era banido. Ou seja, nós somos o governo não reconhecia a nossa nacionalidade, nós perdemos a nacionalidade brasileira, e a gente não podia isso que eu lembro assim de ter ficado, a gente não podia de forma alguma voltar pro Brasil. E como eu era muito novo, tinha acabado de fazer sete anos, pra mim e isso, por isso que eu acho que me dou bem com criança também, eu lembro direitinho dessas coisas, como que a criança percebe tempo e essas coisas. Pra mim assim senão podemos voltar pra o Brasil, eu nunca mais voltar pro Brasil, apesar de ter nascido no Brasil, não sou mais brasileiro, então todos os países que eu fui eu entrava como se era agora cheguei no Chile sou chileno, então sou chileno. Aprendi as coisas assim muito mais rápido como criança e também com essa ideia de que nunca ia poder voltar pro Brasil. Aí a família são os que vão visitar ou por carta, aprendi a ler e escrever em espanhol, fui alfabetizado em espanhol, tenho dificuldade de ler e escrever português até hoje, porque como que eu aprendi escrever português, eu escrevia cartas pro pessoal daqui, eles traduziam, e eu reescrevia pra ela vir com a minha letra e aí que eu começava a deduzir, foi na base da dedução, ah tal palavra se escreve assim, porque a gente sempre falou em casa em português, em casa falávamos sempre em português, mas a minha escrita era espanhol. Então aprendi ler e escrever em português baseado nas cartas que eles traduziam, ou então tentando ler revistas que eles mandavam daqui pra lá.

PATRÍCIA: Ou então fazia livrinho de história pra ele em português.

DANILO: Ela que fez vários livrinhos pra mim, cartilhas de alfabetização, ela que escrevia, desenhava, essas coisas todas. E aí uma das vezes também já nessa casa, no bairro chamava Torres de (trecho em espanhol) os banidos que tavam lá fizeram, acho que foram eles, não sei quem fez, um filme sobre as torturas, sobre as coisas.

PATRÍCIA: Foi um filme, ele tá na, tá no acho que Youtube parece a Dora falando.

DANILO: Sim.

PATRÍCIA: Aquele da Dora, não é?

INTERLOCUTOR: A gente teve acesso a esse vídeo.

DANILO: E esse filme foi projeto na parede de uma das casas.

PATRÍCIA: É, é.

DANILO: Eu lembro da mãe, eu lembro da mãe, eu lembro da mãe falando: “Tá vendo foi isso que fizeram com a gente.” Ela nunca contou, acho que ela não consegue, acho que até hoje ela não consegue falar disso, mas ela mostrou eu lembro deu agarrado nela e falou: “Tá vendo foi isso que fizeram com a gente.”

PATRÍCIA: Ela, ela, quando ela teve que dar o depoimento pra aquela mulheres, aquele livro, mulheres da luta armada, ela passou meses, desde que pediram e ela cedeu, ela passou meses sem dormir. Só porque ela tinha que rememorar todas as coisas e falar e contar. Mas aí a gente no Chile, a gente já tava até acostumando com a ideia de morar lá, de viver lá, a gente andava de bicicleta, a minha irmã e eu a Deia, uma casa um pouquinho adiante morava o Helvécio Raton, que na época era um rapaz muito lindo, parecia um príncipe encantado com cabelo louro cumprido até aqui, com os olhos azuis, e ele ficava andando pensativamente no jardim, e a Andréia e eu ficávamos dando voltas de bicicleta olhando, quase que a gente tombava a parede só olhando, Helvécio e voltava, a outra pegava a bicicleta e... enquanto ele tava passeando no jardim. E aí...

DANILO: Ele lembra da gente. Do pai e da mãe.

PATRÍCIA: Ele lembra?

DANILO: Quando o filme o lançamento acho que do, como é que chama?

PATRÍCIA: Batismo de sangue.

DANILO: Batismo de Sangue. Eu me encontrei com ele falei, fui agradecer pelo filme e tal, falei: “Eu sou filho do Afonso.”, ele: “Ah Afonso Mário e tal, como é que eles tão?”, perguntou e tal. Aí eu falei com ele: “Pô porque você não chamou pra atuar no filme, pra trabalhar no filme?”. Porque ele chamou colegas meu, que eu dou aula de teatro, sou formado em teatro, então ele chamou colegas meu e tal, que eu quando soube eu sentei com eles e contei muita coisa, como que foi, o que aconteceu, como que era, que eram colegas do teatro aqui do Palácio das Artes.

PATRÍCIA: Mais aí o governo começou.... Aí começou toda aquela...

INTERLOCUTOR: O período de golpe.

PATRÍCIA: É, o perigo não, já tava assim, não é?

INTERLOCUTOR: Já era eminente, não é?

PATRÍCIA: É, era iminente. Aí os companheiros ofereceram acharam um trabalho pra a mamãe e papai em Cuba.

DANILO: Mamãe, diga-se de passagem, muito calma, uma italiana muito calma, tranquila, e ia dia sim dia não pra a embaixada cubana brigar com o embaixador ou cônsul sei lá quem, que queria vocês ir pra lá.

PATRÍCIA: Eles são muito calmos, eles fazem as coisas, pelo faziam mas era assim naquele ritmo caribenho de ser.

DANILO: Os cubanos.

PATRÍCIA: É os cubanos, e aí a mamãe tava vendo que o negócio tava pegando fogo, era todos os dias manifestações, quando a gente assistiu aquele filme Matchuca, é impressionante a veracidade daquele negócio, eram todos os dias, e as manifestações começaram acabar em pancadaria porque eram os meninos do Mir, avançando, e os das Pátria Libertá, e eles entravam em choque e tinham os grupos de choque as brigadas da Ramona Parraqui que pintavam e também eles lutavam com bastão, né?

DANILO: Eles tinham uma forma quase que de segurança, os da direita não sei, os da esquerda, que eles iam com Chaco.

PATRÍCIA: Não, o pessoal...

DANILO: Eles faziam um caratê, de segurança.

PATRÍCIA: O pessoal do Chaco, do Chaco era também os do, do, do...

DANILO: Da Pátria Libertá

PATRÍCIA: Do Pátria Libertá era...

DANILO: Mas o pessoal da esquerda também eles tinham tipo uma segurança da manifestação, que eu lembro que a gente ia muito à manifestação, eu lembro deu pintando bandeiras, Salvador Allende.

PATRÍCIA: A gente foi numa manifestação maravilhosa, que esteve enorme, foi a última que a gente foi. Apoio da, em apoio à unidade popular. E aí a mamãe comparava isso com um parto, ela falou: "Gente está ficando assim, sabe as contrações mais espaçadas, mas esse golpe sai, vai ou seja, é iminente esse trem aqui." Aí a gente, eles.... Nossa, a mamãe...

DANILO: A mãe insistiu tanto que teve uma vez que o cônsul, pôs o charuto acesso na boca.

PATRÍCIA: Pelo lado contrário.

DANILO: Pelo lado contrário, que ele já tava tão pê da vida com a minha mãe.

PATRÍCIA: Não, e tão nervoso, mamãe histérica na frente dele, e ele colocou o charuto acesso na boca.

DANILO: E aí conseguiu, e aí eu lembro que o pai...

PATRÍCIA: Não porque tava certo que a gente ia, só que eles demorando.

DANILO: Estava demorando.

PATRÍCIA: Os trâmites, os trâmites, e a mamãe falou: “Eu não aguento outro golpe...”

DANILO: Que seis, né, oito.

PATRÍCIA: ...com seis crianças de novo não.”

DANILO: E aí e, e.. e minha mãe, eu lembro deles falarem: “A gente quer ir pro um lugar procês conhecerem o porquê que a gente tá lutando tanto. Uma sociedade muito mais igual, muito mais né, sem essas diferenças de classe e tal. Pobreza, procês verem como que é na prática isso tudo que a gente tá falando, isso tudo que a gente tá lutando. Então a tentativa, não é, a gente quer ir pra outro lugar. “ Só que tudo né, que nem falamos lá no início, os nomes mudaram não sei o que, não podia falar que ia pra Cuba, acho que nós não sei pra onde a gente ia, pra Cuba não sei como que avisou, eu sei que depois quando nós saímos de Cuba vários anos depois, eu falei...”

PATRÍCIA: A gente não podia falar...

DANILO: Que ia para um...

PATRÍCIA: Que estivemos em Cuba.

DANILO: É, falamos que tava indo pra Checoslováquia, eu lembro que eu falei isso, não sei por quê, e nunca fui pra Checoslováquia. Mas aí isso foi, isso foi em 72, julho, julho de 72 que a gente foi pra Cuba.

PATRÍCIA: Foi julho? Não, foi julho não, foi depois. Quando a gente chegou lá tinha um furacão, furacão não tem julho.

DANILO: Pouco depois porque pra Bulgária foi setembro...

PATRÍCIA: Eu fui em setembro pra Moscou. 21 de setembro eu cheguei em Moscou.

DANILO: Acho que é junho ou julho.

PATRÍCIA: Não eu acho que a gente foi em outubro ou novembro pra Cuba.

DANILO: Não, porque é final de ano.

PATRÍCIA: Pois é.

DANILO: Ah é. Ah não lembro.

PATRÍCIA: Bom aí...

DANILO: Sou de 72.

INTERLOCUTOR: 72.

PATRÍCIA: Aí todas as malas de novo, e voltamos. Aí fomos pra Cuba.

DANILO: Todas não.

PATRÍCIA: Todas não, a gente ia voltar pro Chile.

DANILO: A gente ia voltar pro Chile.

PATRÍCIA: A gente ia passar três anos em Cuba e ia voltar pro Chile, então nossas memórias, fotografias, de quando a gente era pequeno.

DANILO: Muita coisa.

PATRÍCIA: Muita coisa, muita coisa ficou no Chile.

DANILO: Livros, tudo.

PATRÍCIA: Livros nós deixamos a nossa casa montada e assim fotografias de quando a gente era pequeno daqui, ficou tudo no Chile e Pinochet queimou.

DANILO: E eu lembro que lá no Chile teve um fato também interessante que é o seguinte, bom uma das coisas, pouco depois que a gente chegou, fomos passear com o pai e mãe não sei o que, aí fomos num parque de diversões aí na roda gigante o meu pai disparando a falar palavrão e eu ficava horrorizado olhando: “O quê que é isso, pai?”, ele falava: “Aqui você pode gritar à vontade, ninguém tá entendendo o que você está falando não.” Mas e aí ficava aquele negócio né, alguém que fala português cuidado, não converse com ninguém que chega falando português per docê, porque podia ser da polícia alguma coisa assim. E aí eu lembro uma vez a gente tava no bar, restaurante alguma coisa assim, e ouvimos alguém falando português, chegamos pai tem alguém falando português ali. Aí ele foi chegando assim meio perto pra ouvir não sei o que, depois quando vê era o... Gente amicíssimo nosso aí que morreu de câncer, daqui da previdência. Caio.

PATRÍCIA: Você não reconheceu o Caio?

DANILO: Eu acho que tava de costas não sei, eu lembro que foi através de repente quando nós ficamos na mesa o pai foi e aí foi aquela gritaria, aí que a gente viu quem que era, era um amicíssimo nosso daqui.

PATRÍCIA: Não, ele trabalhou com o papai, ele era filho do papai na previdência antes da gente sair, militou com o papai, ou seja, ele era um irmão.

DANILO: E ele tinha, ele não tinha sido preso.

INTERLOCUTOR: Caio de quê Caio de quê?

PATRÍCIA: Ahn?

INTERLOCUTOR: Caio de quê?

PATRÍCIA: Caio Salomé.

DANILO: E ele, eu acho que ele foi fugindo né, ele não foi preso.

PATRÍCIA: É, eu acho que ele foi fugindo.

DANILO: Ele eu lembro dele falar que na tentativa tinha um tiro que raspou na mão dele, uma coisa assim, e aí ele ficou morando com a gente nessa casa.

PATRÍCIA: É, ele que ficou em casa.

DANILO: Eles construíram um quarto.

PATRÍCIA: Na garagem.

DANILO: Nem sei se era garagem, era do lado de fora.

PATRÍCIA: Era.

DANILO: Eles construíram um quarto lá pra ele e tal, tudo de madeira.

PATRÍCIA: É, e aí ele ficou lá. E aí ele que depois teve as histórias toda que e ele passou pelo, ter de pular muro e fugir da... mas a gente quando a gente tava, aí a gente foi pra Cuba, moramos um tempo no hotel, a gente viveu muito tempo acampado, hein? Vai ver é por isso que você gosta tanto.

DANILO: É.

PATRÍCIA: E eu gosto tão pouco. Moramos num hotel.

DANILO: Um ano e seis meses.

PATRÍCIA: É um ano, mas aí, ou seja, as condições de Cuba a gente já tava bem mais politizada, eu, eu digo isso por mim, porque eu sempre, eu sempre fui a burguesinha da família, então já, ou seja, aceitava e compreendia e eu brigava por causa do calor. Nossa lá é quente demais. E eu fiz balé, que eu tinha feito balé, eu fazia balé aqui. E tentei ficar interna, no colégio interno que a escola de balé era interna, não consegui, fiquei três dias, parei de comer, fiz greve de fome e não fiquei interna. A gente levou uma vida bem normal.

DANILO: No começo, mais ou menos, é, bom, o quê que seria normal nessa situação, mas tudo bem. Mas em Cuba teve uma coisa também que me incomodou muito que foi o seguinte, quando a gente chegou, acho que o governo queria colocar a gente em escolas internas.

PATRÍCIA: Aham.

DANILO: Eu lembro que logo que a gente chegou nós fomos pra uma escola interna lá no final de Havana, não sei aonde, perto da onde os Bretas moravam. E nós passamos um tarde acho que ali e como de novo a cantoria, eu lembro da gente cantando a cantata de Santa Maria de (trecho em espanhol).

PATRÍCIA: É, aí já era chilena.

DANILO: Que era sobre o golpe, que não é, coisas, injustiça.

PATRÍCIA: Mas não tinha tido o golpe ainda, porque quando teve o golpe eu tava na escola El Campo.

DANILO: Não, quando teve o golpe a gente tava morando na, KI3.

PATRÍCIA: Pois é, eu tava na escola El Campo, Deia e eu tava na escola El Campo.

DANILO: E aí os irmãos mais velhos, Andréia, Marina, o Billi, a Patrícia estava na, foi nessa escola de balé e tal, cada um foi pra um, Marina a Andréia foram para uma escola, e o Billi, Marina tava falando que os três ficaram na mesma escola e depois a Marina foi pra outra. Era uma escola que El Campo.

PATRÍCIA: Escola no campo.

DANILO: No campo, que eles passavam a semana na escola.

PATRÍCIA: Era um internato no campo.

DANILO: E só iam pra casa no fim de semana e nessa escola eles metade do dia aprendiam coisas de agronomia, e a outra metade do ensino médio.

PATRÍCIA: Estudavam.

DANILO: Deles normal.

PATRÍCIA: Então eles trabalhavam no campo metade do dia, trabalhavam mesmo com enxada e pá e isso, e outra metade eles estudavam.

DANILO: E isso também não achei muita graça, porque separou dos meus irmãos, eu tava com pai e mãe e Alexandre, única, o quarteto que menos se separou nessa loucura toda foi pai, mãe, Alexandre e eu, porque somos dois menores, então sempre tinha que acompanhar os pais.

PATRÍCIA: Não, mas eu também nunca saí, eu nunca fui pra a escola el campo. Escola no campo.

DANILO: Não, mas você ficou um tempo, depois voltou, depois você foi pra união Soviética.

PATRÍCIA: Não, eu fui, eu fui três dias pra Cubanacan, três dias pra escola de arte que era interna.

DANILO: É velha.

PATRÍCIA: Me recusei comer.

DANILO: Oito anos mais velha que eu não tinha muito contato. Ela cuidava muito de mim e tal.

PATRÍCIA: Me recusei a comer e voltei pra casa.

DANILO: Mas o interesse dela era diferente.

PATRÍCIA: Esse negócio de ficar interna não é comigo não.

DANILO: Aí ela terminou o segundo grau, o ensino médio, não é, agora.

PATRÍCIA: O ensino médio.

INTERLOCUTOR: E foi pra união Soviética, eu continuei em Cuba, com o pai e mãe, Alexandre e ela foi com o Billi pra Uniao Soviética.

PATRÍCIA: Eu fui com o Billi pra União soviética e pra Moscou,

INTERLOCUTOR: Escolha de vocês?

DANILO: Sim.

PATRÍCIA: Sim. Eu tenho, eu tinha a mania de parar de comer quando eu não conseguia as coisas que eu queria. E eu entestei que eu queria estudar em Moscou, então a gente ia todo mundo pra Moscou e depois a gente não ia todo mundo pra Moscou, então eu lembro em um fim de ano...

DANILO: A gente começou a estudar russo, aprender russo.

PATRÍCIA: É a gente aprendia russo, com uma amiga russa e o fim de ano falaram pra a gente que a gente não ia pra Moscou eu parei de comer, pronto. Então eu não comia, era muito bom, eu emagrecia que era uma beleza. Aí depois foi decidido que eu iria pra Moscou. E o Billi, então resolveu ir também e é uma das coisas que eu assim, depois eu perguntei pra ele porquê que ele foi, e ele falou que ele nunca ia deixar ir sozinha. E isso é uma coisa horrível, porque acabou com a vida dele assim, ele tinha planos, ele queria ficar em Cuba ele... Nossa ele tinha tudo estabilizado aí ele foi pra Moscou comigo porque ele não queria me deixar ir sozinha, mas eu nunca pedi. Ou seja, eu iria, e ele foi. E ele teve que mudar a vida toda dele, e eu tava disposta a isso, e ele teve que fazer esse, ele fez. O Billi meu é irmão, né, cê já tá sabendo.

DANILO: É o segundo. Aí a mesma coisa, cheguei em Cuba, nunca mais vou sair daqui, sou cubano, então vivia na rua com os cubanos, vida cubana, gíria, aí ficamos lá e sempre aí começamos participar muito mais das questões políticas, e aí já comecei entender mais mesmo sendo muito... novo porque saímos de Cuba, e aí o que aconteceu, ficamos aí Patrícia e Billi foram pra União Soviética, Marina e Andréia saíram da escola no campo então aí pelo menos tava os quatro mais ali em casa, aí a gente já tava morando num apartamento também que cederam pra gente, porque pra seis demorou achar o lugar né, pra oito pessoas morarem então, Cuba sempre tem, tinha problema de moradia e tal. Aí nós fomos morar num bairro vedado, num apartamento de três quartos também e aí adaptar né, Cuba é assim, então sou

cubano, adaptar com as coisas cubanas e tal. E aí de repente veio essa história a gente vai embora, vai embora, porque começou a ter uma ligeira abertura política acho, então papai e mamãe isso que eu lembro deles contar pra gente que eles queriam que a gente fosse pra um país que tivesse relações diplomáticas com o Brasil. A gente tinha conhecido os filhos do Luiz Carlos Prestes, fizemos uma puta amizade com eles, porque eles são oito, o filho mais novo tem a minha idade, o filho mais velho um pouco mais velho que Patrícia, então.

PATRÍCIA: Era bastante.

DANILO: Encaixou, né? Então quando eles foram passar as férias em Cuba, lembro que falaram, pai e mãe contam que falaram: “Ah Prestes vem aí, ele tem vários filhos, acho que vão combinar com cê não sei o quê.” Bom foi um...

PATRÍCIA: Fusão imediata.

DANILO: Fusão imediata não separamos mais, estamos ligado até hoje. Aí Patrícia começou a namorar o filho mais velho.

PATRÍCIA: Não nem namorei.

DANILO: Bom sei lá, foi um romance platônico, eu não sei aí, não é?

PATRÍCIA: Um flerte.

DANILO: Entre eles. Só que, ele chama Pedro, só que o Pedro morava em Moscou, ele veio pra Cuba, mas não pra ficar com a Patrícia, ele acabou namorando a Marina. Começou a namorar a Marina, e ficou morando em casa, lá em casa, dormia na sala. Pedro foi a pessoa mais sensacional que apareceu na nossa vida, foi um cara fora de série, isso tudo porque ele faleceu tem pouco tempo e até hoje não desce, a morte dele foi besta. E Pedro sensacional. Casou com Marina, aí o que acontece, Patrícia e Billi foram pra União Soviética. Aí pai e mãe conseguiram um emprego pra trabalhar na Bulgária, e aí a ideia era ir nós quatro. Andréia estava acho que apaixonada, ela tava namorando...

PATRÍCIA: Tava casada.

DANILO: Não, ainda não tava casada, não sei, Andréia?

PATRÍCIA: É ela casou com o Manolo.

DANILO: Mas só se foi depois, eu não lembro do casamento da Deia.

PATRÍCIA: Eles casaram.

DANILO: Eu lembro do casamento da Marina.

PATRÍCIA: Era chileno.

DANILO: Marina tinha 15,16 anos.

PATRÍCIA: Marina tinha 16 anos.

DANILO: Ela casou com o Pedro pra não ir...

PATRÍCIA: Pra poder ficar em Cuba.

DANILO: Pra poder ficar em Cuba.

PATRÍCIA: Para não ter que ir embora.

DANILO: Aí então Andréia e Marina ficaram em Cuba, e nós fomos pra Bulgária, que também aí cês têm que perguntar pro Alexandre, quando fizer entrevista com ele, pra ele contar essa viagem pra Bulgária que foi a maior loucura e as cartas que ele escrevia a gente fala até hoje, Alexandre escreve um livro, porque ele escreve bem demais da conta. Ele que foi aluno das séries e tal, é jornalista, professor na federal do Espírito Santo. E essa viagem pra a Bulgária foi uma aventura, porque viagem definitiva. Então milhões de bagagem, só Alexandre e eu pai e mãe, sem documento, sem passaporte.

PATRÍCIA: Ah é a gente viajava sem passaporte, não tinha passaporte.

DANILO: Não tinha passaporte, aí o nosso documento era um papel meia folha ofício, escrito assim: “Essas pessoas, o governo Cubano se responsabiliza por essas pessoas.” O carimbo, e pra aproveitar a folha rasgada, com régua, meia folha. Aí o avião, a gente já todo assim né, como é que nós vamos fazer porque Havana só não tem direito, fazer escala na Alemanha, beleza.

PATRÍCIA: Mas era RDA?

DANILO: RDA, República Democrática Alemanha pelo menos, mas a gente não ia sair do aeroporto, tá ok, descer em Berlim de manhã espera a tarde ou a noite né, do mesmo dia mas no final do dia pegar o avião pra Sófia. Tá ok. Aí tamo no avião tranquilo, aí sobrevoando já a Europa aí bla bla...fala o que falou?

INTERLOCUTOR: Em alemão?

DANILO: É, em alemão, em inglês alguma coisa lá que a gente não entendia, e aí tinha uns cubanos no avião, e alguém que entendia traduzia pra gente, falou: “Não, não tem teto pra pousar em Berlim, o avião vai pousar em Dresden, no sul da Alemanha.”, aí nós já: “Então nós vamos ter que sair do aeroporto? Vamos.” Aí como é que vamos fazer sem passaporte? Pronto, desceu, os alemães todo mundo viraram rapidinho, os cubanos, né, que tinha um grupo de cubanos, passaram também e aí chega a nossa vez, pai chega pro guardinha lá na alfândega: “É espanhol? Não. Português? Não. Inglês? Pouco.”, o guarda não falava quase nada. Aí o guarda perguntou: “Passaport”, meu pai tum, apresenta a folhinha, ele olha assim quatro

peessoas, uma folha escrito em espanhol, ele devolvia pro meu pai falava: “No, passport”, meu pai pegava a folha e devolvia pra ele, ficou naquilo, aí até achar alguém que traduzisse que não sei o quê. E aí pra aceitar, acho que foi um cubano, alguém que veio, que falava espanhol, e conversou com o guarda, pra explicar a situação, não sei o que, e aí pra gente sair do aeroporto sem, e tinha que ir pra Berlim, pra pegar um avião, pra Bulgária, sem falar nada de alemão, ninguém lá falava outro idioma a não ser alemão, russo, e alguma coisa de inglês, o meu pai sabia um pouco de Frances, da escola, acho que inglês ele não sabe nada, então pronto, ficou aquele impasse. Como é que a gente ia comer também durante o dia, ele não tinha dinheiro, não tinha nada, só uma folhinha, o governo Cubano se responsabiliza por essas pessoas. Aí a sorte é que quem ia pegar aquele mesmo avião, o quê que a gente ficou sabendo, quem ia pegar aquele mesmo avião, ia vir de Berlim num ônibus, pra pegar aquele avião pra continuar, e a gente ia pegar esse ônibus pra voltar pra Berlim. Beleza, aí teve também complicação de comida, eles deram pra gente um papelzinho e lá não tomava água, eles só tomam água mineral com gás, foi a maior dificuldade a gente conseguir água sem bolinha, sem bolinhas, assim a gente falando. Aí o ônibus chegou, as pessoas foram saíram não sei o que, e a gente preocupado com o horário pra chegar em Berlim ainda, pra pegar o, passar na alfândega de novo, com aquele papel que não é passaporte pra ir... Aí cadê o motorista, cadê o motorista? Ah o motorista foi dormir, depois do almoço é a ciesta foi dormir não sei o quê. Minha mãe, que nem falei, né, calma já subindo pelas paredes acordamo o cara e fomo pra Berlim no ônibus com os cubanos. Aí ele perguntou se todo mundo iria pro aeroporto, os cubanos falaram que não, que eles iam ficar em Berlim, na entrada do aeroporto ele desvia, e vai pra Berlim, pro centro da cidade. Quando a gente viu a placa aeroporto e a gente indo pro outro lado, a minha mãe agarrou a cabeça do motorista e sacudia, “Aeroporto!”. aos berros. E o motorista, no meio da cidade, da estrada, e a minha mãe sacudindo a cabeça dele, berrando: “Aeroporto, aeroporto, aeroporto!” Só sei que o motorista não sei o quê que ele fez, deu uma quinada, entrou, virou no aeroporto, chegou lá abriu a porta, pegou a mala de todo mundo, jogou fora do ônibus, dos cubanos, nossa de todo mundo e foi embora. Aí a minha mãe foi pedir desculpas pra os cubanos, não sei o que, falou: “Não a gente entende a dificuldade de falar não sei o quê.”, bom resolveu. Aí de novo pra embarcar, vamos lá, passaporte, papelzinho, passaporte, papelzinho, passaporte, papelzinho, vamo, conseguiu não sei como que

aceitaram. Bagagem a gente tinha milhões de bagagem, tinha umas que era umas sacolas, a gente deitava a sacola tipo de saco de campanha né.

PATRÍCIA: É saco de viagem.

DANILO: Saco de viagem, a gente deitava pra passar na esteira, o alemão olhava falava: “Não isso aqui tem ir em pé.”, punha em pé, e em pé ele não passa. Aí ele falava: “Isso é bagagem de mão.”, mas era um saco enorme, pesado pra caramba, tivemos que levar bagagem de mão que nem cabia a gente dentro do avião direito. Bom, resumindo a história conseguimos depois de muita luta e desespero não sei o que, nem sei se a gente comeu esse dia, não lembro, fora o lanche da manhã. aí embarcamos, conseguimos pegar o avião, porque acho que tinham informado também o horário, minha mãe acha que pra ela a gente ia sair de tarde, acabou que a gente saiu no início da noite. Então deu mais tempo, não precisava ter tanto desespero, e aí fomos pra Bulgária. Chegamos na Bulgária, desse eu sou um dos primeiros a sair de nós quatro aí quando chego na porta, alguém fala: “Afonso Junqueira.”, eu falei: “Ih pronto, complicou tudo de novo.” Voltei pra trás, falei: “Pai resolve, é com cê.” Mas não era o contrário, aí era recepção de gala, qual que é bagagem de vocês e não sei quê, e fomos pra uma sala VIP e espera lá, e vem com tudo, tudo resolvido, tudo pronto, tudo não sei o que, e a gente acostumando com tanta dificuldade de repente não tava entendendo mais nada. Aí põe num carro elegantíssimo, é carro da presidência, era carro assim, e ele era tão elegante que era carro de gala sei lá como que fala, carro oficial, ele ia no meio e os outros carros saíam da frente pra dar passagem pra gente. E a gente assim: “Nossa senhora agora o trem mudou depois de tanta dificuldade.”, e aí lá quando chegamos, uma loucura né, porque não entende absolutamente nada, nada do que se fala e nem se mexe, porque isso é sim, e isso é não na Bulgária, é o contrário é dar e né. E aí ficamos num hotel, também Alexandre, eu, pai e mãe é uns 15 dias, um hotel também chiqueríssimo, em que durante esses 15 dias, acho que repetiu duas refeições, dois pratos, nem é refeição, porque tipo almoço são cinco, a janta eram quatro pratos diferentes, repetiram dois pratos durante esses 15 dias que a nós ficamos lá. A gente saía um pouco e quando voltava tinha fruta no quarto, não sei o que, renovava tudo. Teve uma vez que a gente saiu e ficamos escondido no corredor pra ver se alguém ficava vigiando a gente sair, porque era muito rápida as mudanças, às vezes a gente comia alguma coisa de manhã ou sei lá e aí descia pra almoçar e quando voltava já tava tudo trocado de novo, falava: “Gente em uma ou

duas horas já trocaram tudo?”, então nós ficamos vigiando lá pra ver, mas aí já foi muito mais tranquilo né.

INTERLOCUTOR: Que ano foi isso?

DANILO: Nós fomos pra Bulgária eu lembro que nós chegamos lá em setembro de 76.

PATRÍCIA: 76.

DANILO: Que foi no início da primavera.

INTERLOCUTOR: E Patrícia, cê foi para Moscou?

DANILO: Ela tava na União Soviética.

PATRÍCIA: Eu fui pra Moscou, aí fiquei lá um ano e oito meses.

DANILO: Isso foi antes deles?

PATRÍCIA: Nós fomos antes deles. A gente chegou pro começo do ano letivo, então devia ser começo de setembro.

INTERLOCUTOR: De 75?

PATRÍCIA: 76.

DANILO: Seis também?

PATRÍCIA: 76.

INTERLOCUTOR: Eles foram logo depois?

PATRÍCIA: É.

INTERLOCUTOR: Em 76 eles foram para a Bulgária.

PATRÍCIA: Aí eu não sei, eu acho que se algum psicólogo...

DANILO: Acho que foi outubro que nós fomos para a Bulgária.

PATRÍCIA: ...viesse me fazer uma análise, porque por exemplo para o Dani, o Dani fala que ele chegava no país ele era do país e é assim, eu desde que saí, eu não sou de país nenhum, e daqui também não. Então eu sou de qualquer um, tá bem, ou seja o meu país é onde eu me sinto bem e eu fiquei, eu me sinto a verdadeira apátrida, e é uma instabilidade, porque eu cheguei em Moscou fiquei um ano e oito meses lá, e fui pra Bulgária, fui morar lá.

DANILO: Você não morou na academia não, não é?

PATRÍCIA: Não, não morei na academia. Quando eu fui pra lá cês tavam (trecho incompreensível), aí cês ganharam, a gente ganhou um apartamento em (trecho incompreensível). Eu não cheguei a morar em (trecho incompreensível).

DANILO: Nossa, nós moramos rápido assim?

PATRÍCIA: É.

DANILO: Porque nós estamos falando aqui, nós chegamos, que nem eu falei, ficamos 15 dias no hotel, aí nós fomos pra uma, chama academia, era uma escola de formação sindical, política e tal. Pai e mãe faziam cursos de marxismo e etc., e conseguiram uma escola pra gente, ali perto escola normal, do Alexandre pra mim e Bulgária é maravilhosa, linda a natureza lá é maravilhosa. Essa escola eu lembro assim, eu não tenho, não lembro direito muito detalhe dos seis primeiros meses da Bulgária, porque o idioma é tão diferente. Meu irmão e eu Alexandre começamos a estudar, compramos um livro, ia estudar em casa sozinho né, alguma coisa, eu lembro que eu aprendi assim, o que é isso em búlgaro? E aí quando chegamos na Bulgária, quando chegamos na escola, quando eu o primeiro, eu lembro o meu primeiro dia da escola, entra aquela sala, carteiras de madeira, de duplas, e aí pediram pra falar o meu nome, falei: “Danilo Curtes Alvarenga.”, aí eles morreram de rir, depois eu fui entender, que parte do meu sobrenome é palavrão. A primeira aula que eu assisti na Bulgária, foi uma aula de russo, eu entrei na aula de russo, depois fui pra uma aula de inglês, na Bulgária. Então tá, não tô entendendo nada. O búlgaro é fonético do jeito que você fala você escreve, e eu sabia o alfabeto então eu escrevia tudo, até ditado, a professora ditava eu escrevia, não tinha a menor ideia o quê que eu tava escrevendo. Eu não lembro direito, eu lembro que o colega que eu sentei do lado dele, até hoje a gente se corresponde pelo Facebook, ele me achou e a gente se escreve, troca e tal, não sei o quê, Dimitri. Ele morava perto da onde eu morava, da academia, então a gente ia a pé pra casa e passava no meio de um bairro, numa vilazinha, era um bairro meio vila, só de casinhas, lindo. E eu ia perguntando tudo, eu só lembro que eu ia perguntado, (trecho em búlgaro). O quê que é isso? O quê que é isso? E ele ia falando. Em seis meses eu tava falando búlgaro, que nem búlgaro, que os professores falaram, né quando vinha um professor novo, quando, né, passei de ano: “Você é cigano?”, falei: “Não sou brasileiro.” “Que brasileiro, você é cigano.”, porque lá tem muito cigano, pela minha cor, minha aparência, e um pouco de sotaque eu ainda devia ter, né? “Não, cê é cigano.”, “Não sou brasileiro.” “Então fala alguma coisa.”, aí eu tinha que falar português não sei quê, pra mostrar que eu não era cigano. E lá tem uma avaliação, é o seguinte, pelo menos era, é oral, então assim você não sabe quando vão te fazer a avaliação, cê chega na sala de aula, o professor abre o livro de chamada e ele escolhe três pessoas, te dá umas três, duas perguntas, se você precisar cê separa um pedaço no quadro, procê explicar o que cê vai responder e tal. E por exemplo, logo no final do primeiro ano não, mas no segundo ano eles já falaram

comigo: “Oh você já sabe muito bem búlgaro, você já faz bagunça que nem os meninos normais aqui, sei quê, nós não vamos te dar colher de chá não. Porque você é brasileiro, estrangeiro não, fazer que nem búlgaro.” Fiquei assustado porque o Alexandre não teve isso, ele só foi fazer a avaliação no final do terceiro ano, eu falava: “Mas porque o Alexandre pode?” Por causa disso, que quando eu chegava, nunca mais vou sair da Bulgária, então era búlgaro, então vivia na rua. Tanto que por exemplo, eles ela depois né, eles conseguem ler livro em búlgaro, o meu vocabulário é de rua, meu vocabulário não é de livro, é vocabulário de gíria, é molecagem é brincar, vivia com os colegas, saía pra farra, pra brincar, pra aprontar.

INTERLOCUTOR: E a família ficou lá até quando?

DANILO: Aí foi essa coisa completamente... aí ficamos nessa academia durante um tempo, aí eles conseguiram um apartamento pra gente num bairro, porque lá tem muito bonde, então eu lembro a gente no começo a gente fazia o seguinte, se o bonde ele vai ele volta, né, a linha que volta é essa daqui, não tem perigo da gente se perder, a gente sabia contar até 10, então a gente comprava 10 passagens, porque a passagem na época era um papelzinho que cê comprava fora, né, nas bancas, aí você entrava no ônibus, no bonde, não sei o que, tinha um...

PATRÍCIA: Perfurador.

DANILO: Um perfurador que cê punha lá e furava, e de vez em quando...

PATRÍCIA: E cada ônibus ou bonde tinha...

DANILO: Um código.

PATRÍCIA: Um desenhinho.

DANILO: Do furo diferente.

PATRÍCIA: De perfurar, de perfurar.

DANILO: E de vez em quando entrava uma fiscal que conferia se você tinha furado ou não. Então a gente passeava muito de bonde e tal e aí eu me lembro uma vez que nós fomos, e esse bairro era mais afastado e ainda tava em construção não sei o que, aí nós olhamos falamos: “Nossa que lugar horroroso pra morar.”, foi o primeiro lugar que nós fomos morar. Aí nós nesse bairro, quando ainda tava morando lá, eu lembro uma vez que nós pegamos um táxi, e aí o taxista perguntou, viu a gente falando, né, outro idioma: “Da onde é que vocês são?”, “Ah, nós somos brasileiro.”, “Ah que legal, brasileiro, Emerson Fittipaldi.”, estava não sei se era primavera ou outono. O quê que acontece de dia esquenta, aí está tudo nevado, devia ser a primavera, aí derrete um pouco e aí de noite congela tudo, então a rua fica tudo congelado, é gelo pra tudo

quanto é lado, e os carros então sai patinando. E o cara, o motorista: “Eu queria ver Fittipaldi aqui.”, e o táxi esbarrava lá, “Eu queria ver Fittipaldi dirigir nesse gelo e tal.” Aí nesse começamos a aprender andar de ski, eu e o Alexandre na primeira vez eu que já tava muito mais solto do que Alexandre, caí e quebrei o pé, e o Alex...caminhei mais de dois quilômetros ainda porque era alugado o material, tive que caminhar dois quilômetros pra devolver o material e voltar mais dois quilômetros porque o ônibus porque a gente ia pegar saía da onde a gente tava. E eu com o pé quebrado, só que aquele negócio, quando você tá quente, ainda você não sente muito, então consegui caminhar. Apesar de passar por umas ribanceiras lá, que eu sentava no chão e chorava porque falava, o Alexandre ia embora que ele levando os quatro os skis eu assim: “Meu Deus do céu e como é que eu vou passar aqui né?”.

PATRÍCIA: Era alta a montanha.

DANILO: Alta mais de dois mil metros de altura, três metros de neve, 20 graus abaixo de zero, sei lá, frio pra caramba. Fomos, voltamos, quando entrei no ônibus que tem calefação, eu pus o meu pé em um lugar quentinho assim esquentou eu relaxei, depois não conseguia mexer nem o dedo do pé, o Alexandre teve que me carregar nas costas até lá em casa.

PATRÍCIA: E era longe.

DANILO: É teve que caminha um bocado.

PATRÍCIA: Mas aí, quando eu fui morar, quando eu saí de Moscou e fui para, fui pra Bulgária, aí eles deram um apartamento um pouquinho maior pra gente.

DANILO: Que tinha mais um quarto.

PATRÍCIA: Tinha mais um quarto, no outro tinha só um. É muito comum lá as pessoas ou dormirem nas salas, em sofá cama, porque as casas eram pequeninhas, ou os velhos dormiam...

DANILO: Na cozinha.

PATRÍCIA: Na cozinha.

DANILO: Porque é mais quente.

PATRÍCIA: Porque é o lugar mais quente. Então sempre nas casas búlgaras, eu imagino que até hoje, porque eles são bem tradicionais, tem uma caminha pra avó, pro avô que dorme na cozinha porque é o lugar mais quentinho. Aí a gente morou, aí foi, foi muito bom. A gente...eu entrei pra universidade lá na Bulgária, e aí deram a anistia, tava, era, ou seja, foi 79 até novembro foi o melhor ano da minha vida depois de tudo isso, porque eu tava na universidade, tava morando com os meus pais, tava

com os meninos, e era muito divertido a gente se dava super bem. Então, e era assim, era nossa era uma vida muito boa, não tinha preocupação financeira, porque era uma vida muito simples, mas era muito boa. E aí deram anistia, e eu não queria voltar de jeito nenhum, mas eu não queria voltar por nada no mundo. Papai do jeito que tiveram que me convencer pra ir embora, tiveram que convencer pra voltar, porque eu não queria eu ia ficar na Bulgária, eu falei: “Não quero, não quero voltar, não tenho nada a ver com aquele país.” Aí a gente voltou e ficamos aqui, eu morria de medo, eu não gostava de sair na rua, eu tinha medo, eu via polícia e ainda era uma época bem ruim, foi numa época que eles começaram a explodir banca de jornal.

DANILO: Banca de jornal, teve o atentado no Rio...

PATRÍCIA: Minas Centro.

DANILO: No Rio Centro, mas da Bulgária, tem umas coisas, lá o meu avô paterno, ele é figuraça. Faleceu em 82.

PATRÍCIA: 80.

DANILO: Ele foi visitar a gente em todos os países que a gente foi, ele foi com a filha dele, irmã do meu pai, tia Loli.

PATRÍCIA: Foi à Cuba.

DANILO: Que é outra também, eles foram escondidos pra Cuba.

PATRÍCIA: Eles pelo peru.

DANILO: Eles foram, a família só soube aqui muito tempo depois que a gente voltou.

PATRÍCIA: Nem soube, nem soube, vovó, vovó, a minha avó materna ela perguntava pro vovô: “Doutor Antônio, jura pra mim que o senhor não foi à Cuba.”, o vovô impávido: “Eu juro pra a senhora que eu não fui pra cuba.”

DANILO: E ele foi pra Bulgária, né, ela falou, né, que foi ótimo, ele falava: “Ah, agora eu tô entendendo o quê que é esse negócio de socialismo que ocês querem, é todo mundo burguês, é tudo burguesia, porque todo mundo tem tudo.”

PATRÍCIA: Cê tinha tudo...ou seja, quando fala....

DANILO: Saúde, educação, segurança gratuita, a polícia lá não anda armada, você não vê revólver, você não vê em lugar nenhum.

PATRÍCIA: Não via, a gente fala como se não existisse.

DANILO: É não sei como é que tá agora, você não via arma em lugar nenhum, você não via violência, você não via, assim...

PATRÍCIA: E aí falam pra gente: “O quê que você pode falar de socialismo?”, eu falo: “Gente, cês esperam alguma vez que eu fale mal? Vocês vão, vocês vão mofar porque não tem jeito, não tem jeito falar mal.”

DANILO: Então assim, o vô, e aí o vovô, aí eu lembro que a gente pode tirar o passaporte.

PATRÍCIA: É a gente tirou o passaporte lá.

INTERLOCUTOR: Depois **DANILO:** anistia?

INTERLOCUTOR: Na Bulgária?

DANILO: Foi.

PATRÍCIA: Foi.

DANILO: Mas nós tiramos passaporte, eu tenho passaporte ele é de 78.

PATRÍCIA: Então foi antes da anistia.

INTERLOCUTOR: Mas é um passaporte búlgaro?

DANILO: Não, brasileiro.

PATRÍCIA: Não, brasileiro, lá porque lá, lá é como o papai, é como o papai e mamãe queriam né, era um país que tinha...

DANILO: Relações diplomáticas.

PATRÍCIA: Relações diplomáticas com...

DANILO: Com o Brasil.

PATRÍCIA: Com o Brasil.

DANILO: Então a partir de 78, porque eu tenho passaporte também, eu ate vi outro dia, ele é de 78, eu não sei se o pai ou a mãe tiraram depois, mas o Alexandre e eu tiramos em 78, acho eles devem ter tirado em 79, aí acho que aí que quando eles tiraram é que resolveram voltar. E meu avô foi pra lá e falou: “Não, vou voltar com cês.” Só que não sei tava demorando a gente voltar e entrou o outono, acho que nem sei se chegou a entrar o outono, meu avô não aguentou de frio, né? Eu lembro que acho que nem tinha chegado o outono, porque quando chega o outono eles ligam calefação, que é geral.

PATRÍCIA: É porque uma ele foi lá no inverno não teve problema né.

DANILO: Eu lembro que ele, ele me, nós arranjamos pra ele um elétrico, um aquecedor elétrico, ele punha assim e ficava encolhidinho, lendo o capital, porque ele estudava o capital e a bíblia né, os dois um do lado do outro. Ele lá, acho que foi em...

PATRÍCIA: A gente voltou em novembro não foi?

DANILO: Foi, acho que foi 29 de novembro. Acho que foi em...

INTERLOCUTOR: 79?

DANILO: 79. Eu acho que foi em setembro ainda, acho que mal entrou setembro ele falou: “Não vou dar conta de esperar vocês não, aí ele voltou.” E o Alexandre não sei por que ele voltou antes.

PATRÍCIA: O Alex voltou um voltou, não voltou com o vovô, voltou com a...

DANILO: Com uma mulher. A mãe falou outro dia.

PATRÍCIA: Com a mulher do Zé, com o filhinho, com o filho.

DANILO: Acho que tinha.

PATRÍCIA: Ele ajudou.

DANILO: Acho que tinha, acho que isso.

PATRÍCIA: Mas ele veio ajudando ela com o menino, porque ele era bebezinho não foi?

DANILO: Acho que foi, uma coisa assim.

PATRÍCIA: Foi, e aí bom a gente voltou em 79.

DANILO: Mas aí na época da Bulgária, porque eu já tenho mais memória, aí eu posso falar mais, aí o que aconteceu, em 77 teve um festival, primeiro festival internacional da criança e adolescente na Criméia, na União Soviética e já nessa época a gente já era completamente engajado, dava palestra sobre a situação política, econômica, social, da América Latina, nós formamos um grupo na Bulgária vocal, né, um grupo de música.

PATRÍCIA: O Alex toca violão, a gente tocava, cantava.

DANILO: O Alexandre, o Pedro, a primeira vez, retrocedendo lá atrás, em Cuba ainda quando o Pedro foi morar lá, o mundo das comemorações do partido comunista, nós fomos apresentar e o Pedro tocava violão começou a ensinar violão pro Alexandre, porque a gente sempre cantou né, voltando à música. Por isso que eu fiz arte, sou professor de música e teatro porque não tive como fugir disso. Então nós fomos cantar, eu devia ter 11 anos ainda ou 10 não sei, e numa das músicas eu ia solar Guantanamo.

PATRÍCIA: A gente era muito atrevido, credo.

DANILO: Aí eu morrendo de nervoso né, aflição, eu lembro que o negócio era grande pra caramba, não sei quantas pessoas tinham lá, e aí o Pedro me chamou lá pra trás do palco: “Eu tenho uma coisa aqui que vai te dar coragem.”, uma garrafinha de rum, rum cubano desse tamanho, eu lembro que eu sei que entre ele e eu, nós chupamos a garrafinha que era de uma dose né, eu devia ter 10 ou 11 anos, eu lembro que eu

cantei feliz da vida, nem sei se afinei, desafinei, foi ótimo. E a partir dali dessa época a gente começou a levar essa coisa de cantar mais a sério, então na Bulgária principalmente depois que a Patrícia foi pra lá, o Alexandre começou a estudar muito mais, aprender não sei o que, a gente lógico como banidos e exilados e tal, a gente fez muito amizade com todos os estrangeiros, principalmente com os chilenos, que a gente tinha morado no Chile então tinha muita coisa haver.

PATRÍCIA: Não, e tinha muitos festivais todos esses estrangeiros exilados, banidos, eles tinham um apoio muito grande pra ter...

DANILO: Divulgação cultural.

PATRÍCIA: Cultural pra fazer palestras políticas, então todos os país apresentavam, e convidavam uns aos outros nas festas nacionais, pra apresentar também.

DANILO: Aí teve um chileno lá, que chamava Lênin, tocava charango, violão, tocava bem pra caramba, ele ensinou várias músicas pro Alexandre e a família daqui mandou alguns instrumentos, pandeiro, triangulo, reco reco pra lá. Então Patrícia tocava flauta, eu comecei tocar percussão, Alexandre no violão, o Lênin no charango e violão, então nós formamos um grupo, chamava Cauã, tinha uniforme e a gente cantou várias vezes na Bulgária, no festival que a gente ia apresentar, eu fiquei doente. Não sei se por nervoso ou doente realmente, acabou que a gente nem apresentou, a gente ensaiava bem profissionalmente e tal, mas nesse festival não foi. E os filhos dos Prestes também tinham um grupo, que eles cantavam lá em Moscou que chamava Saci Pererê, acho que era. Aí pra esse festival na Criméia, primeiro festival da dança do jovem e criança...

PATRÍCIA: Não foi um acampamento internacional.

DANILO: ARTEC.

PATRÍCIA: ARTEC, Acampamento internacional de pioneiros.

DANILO: Primeiro festival, festival.

PATRÍCIA: Não, eles tinham.

DANILO: Esse foi o primeiro festival da criança e adolescente. Seguindo os festivais da juventude. E foi em 77 isso, e aí nós fomos, encontramos com a família dos Prestes, do Preste né, os Prestes, aí ficamos uma semana lá com eles em Moscou, aí fomos pra Criméia, fantástico, uma viagem de trem, um dia de trem maravilhoso, passamos naqueles os girassóis da Rússia, os famosos, passamos no meio das plantações de girassóis maravilhosos. Aí fomos pra Criméia e ensaiamos, né, entre os filhos do Prestes e Alexandre e eu, e tinha um outro companheiro nosso, doido

também. E aí acabou nós lá ganhamos medalha de ouro de canto e dança, canto a gente cantando e dança porque Alexandre e eu, numa das coreografias a gente dançava samba que um amigo nosso Silvio Pregnotato, que tava na Bulgária também, ele tinha ensinado pro Alexandre e pra mim sambar. E aí nós fizemos a coreografia, que a gente entrava sambando né, samba de enredo sei lá, e a gente vinha do lado, se encontrava e fazia uma coreografia ali, não sei se a Mariana, filha do Prestes.

PATRÍCIA: Mariana, Mariana, a Mariana e Zóia sambavam também.

DANILO: Acho que eles também depois na dança e sambava com a gente, aí nós ganhamos medalha de ouro de canto e dança. Não me pede pra dançar mais não, não sei não. Foi em 77, aí depois voltamos pra Bulgária, aí teve os outros casos. E aí a volta pro Brasil, né, que sempre foi traumática porque eu desde de pequeno, cresci em um país socialista, nunca tinha visto um mendigo, nunca tinha visto ninguém pedir esmola, sabia dessas histórias porque né que nem falei a gente dava até palestra, encontro, falava a situação brasileira e tal, latino-americana, mas nunca tinha confrontado com isso. Então quando eu vi, até hoje eu não consigo, dá vontade de tirar a roupa e dar pro mendigo com frio da vontade de tirar a roupa e entregar.

PATRÍCIA: Eu não aguentei.

DANILO: Não, não, não desce, não entendo como pessoas consegue lidar com isso com frieza ou ódio, coisa assim, não entendo, não entendo. E muito interessante que toda educação, nunca foi religiosa, nunca foi falando nesse sentido, sempre foi humanitária, e eu depois que cheguei até hoje não entendo. Fala-se tanto de religião, fala-se tanto de Cristo, tanto de bíblia e no dia a dia, tão nem aí, não tem nada disso. Eu falo gente a hipocrisia reina, uma falsidade assim que não consigo, sabe, a gente entende entre as aspas né, porque, né, milhões de anos já depois disso, mas não consigo ver como que as pessoas falam com naturalidade, amai o próximo e põe fogo numa pessoa, num mendigo. Gente onde? Como que esta isso? Como que as pessoas convivem com isso com tranquilidade?

PATRÍCIA: Pois é, e acho que esse, essa preocupação, é o maior legado de tudo isso pra gente e que o mais legal. Olha eu não aguentei, eu fiquei aqui um ano, voltei em 79 e voltei pra Bulgária de novo, em 80 só voltei definitivamente no final de 87 eu fiz minha faculdade lá, minhas filhas nasceram lá, e eu não queria de novo voltar, meu marido é que falou, quando terminou a faculdade ele falou: “Não a gente não fica aqui.”, meu marido é português. Mas essa toda essa história, tudo isso, mamãe às vezes fala: “Nossa a gente acabou com a vida docês, cês poderiam ser...” Realmente

eu se tivesse, a gente se tivesse continuado aqui, a essa altura eu seria médica, era assim o que eu pensei pra mim a vida inteira, só porque a cabeça não funciona bem deve ser, eu entrei em medicina parei, não sei o que. Bom, mas eu acho que esse legado que a gente tem, e que o mais legal é que a gente consegue, temos conseguido passar pra os nossos filhos, porque Marina tem filha, Andréia tem filho, o Billi tem filhos e então, nossos filhos tem uma cabeça muito legal, minhas filhas têm uma cabeça muito legal, e eu não troco, nenhum bem estar de ser médica, que eu poderia ter sido, eu não troco nada, eu não, é uma coisa que a gente tem que tá repetindo mamãe, ela carrega uma culpa muito grande, mas e a gente repete pra ela quinhentas vezes: “Mãe, a gente não se arrepende nenhum momento, nenhum momento a gente se arrepende.” Eu acho que isso é ou, isso é, na época eu acho que era o melhor que poderia ter acontecido com a gente, foi ter levado essa vida que a gente levou e passado por todos esses perrengues que a gente passou. Porque eu acho que faz da gente pessoas legais, ou seja, eu tenho uma paixão ilimitada pelos meus irmãos, mas uma coisa assim, por a gente ter vivido tantas coisas, eu acho né, que por a gente ter vivido tantas coisas dolorosas e traumáticas a gente formou um nucleozinho que você viu quantas vezes a gente falou que seria legal se todos estivesse junto, porque pra nós esse núcleo é a base de tudo. E o legal é que os nossos filhos também são criados, os primos são criados, ou seja, meus, minhas filhas e as filhas de minhas irmãs, eles têm uma identidade mais ou menos como irmãos, é tudo criado muito assim, fechadinho, eu acho que minha mãe podia tá tranquila, não tem nada do que se arrepender.

DANILO: Ela fala isso, mesmo a gente já ter falado também, que acho que foi esse ano, ela voltou a falar também de novo, nessa coisa, falo: “Mãe, eu falo sempre na época principalmente pra mim foi muito doloroso porque eu não entendia muito bem essas questões e que nem eu falei né, então agora nunca mais vou voltar pro Brasil.” A cabeça da criança é muito o momento, então tô em Cuba sou cubano, tô na Bulgária, sou búlgaro, mesmo já com 13, 14 anos não imaginava que um dia poderia voltar pro Brasil. Ficou uma relação meus avós, alguns tios e alguns primos diretos, que são parente, os outros se perdeu. Mesmo depois que a gente voltou teve, reconhecia, ou conheci, não é? Porque eu não conhecia a família é enorme. Conhecia todo mundo, ah, é seu primo, é seu primo, é seu tio, (trecho incompreensível), mas já não tinha mais aquela relação até hoje tem muito próximo com primos e tal, mas não é mais aquela coisa. Falo na época foi muito doloroso, agora hoje em dia eu não troco

aquilo por nada da vida, porque são experiências sensacionais, nós não fomos ou eu principalmente, né? Eu não fui como turista, eu não fui pensando que eu ia pensar um tempo e depois voltar não, eu fui definitivo pra todos os lugares, tudo foi sempre pra mim muito definitivo, então eu abraçava aquelas culturas, aquele conhecimento daquele povo. Então eu sou cubano, eu sou búlgaro, eu sou chileno, eu falo assim até hoje eu nunca voltei em nenhum desses três países, eu falo não sei qual seria a minha reação quando eu voltar, não sei se eu vou querer sair principalmente do Chile, tenho uma relação com Chile onde eu alfabetizei e tal muito intensa, a Bulgária onde foi cada um tem uma coisa assim muito marcante. Tão marcante que eu tenho fisicamente marcante, eu sou deficiente, então todos os países que a gente ia, o meu pai sempre se preocupou, pai e mãe, né? Em me levar pro hospital, fazer fisioterapia e tentar ajudar a resolver. Então eu cirurgias feita no Chile, cirurgias feita em Cuba, cirurgias feita na Bulgária. Então...

PATRÍCIA: Você leva no corpo literalmente, as marcas dos países.

DANILO: Pontos chilenos, ponto cubano, ponto búlgaro. E a riqueza cultural que isso nós deu né, a compreensão, esse negócio de compreender o outro, se colocar no lugar do outro, isso não ficou em palavras pra gente, né. Uma sociedade mais justa, não ficou em teoria pra gente.

PATRÍCIA: É. Então quando a gente fala, de uma sociedade mais justa, quando a gente fala dum coisa que seria bom pra todo mundo, e se ocê pensar é meio camicase a pequena burguesia falar isso, entendeu? Porque tá fadado a sumir, nós somos pequenos burgueses, mas a gente já viveu isso, e é legal. Então não tem nada, o meu avô falava a única coisa que vale nessa vida é conhecimento, porque é a única coisa que não podem te tirar, eles podem te tirar tudo, mas aquilo que você tem aqui, eles não podem te tirar nunca. E é muito legal, quando o Dani tava falando eu tava lembrando de uma frase de um grande amigo chileno me deu um livrinho, e ele escreveu como dedicatória assim: “La vida una aventura única, no para (trecho espanhol) o que a natureza havia posto em mim, sim pra adquirir o que a natureza havia posto em mim.” Isso é Guedes, e eu, quando ele falou eu lembrei na hora assim, exatamente ou seja, nós, os nossos pais com toda essa coisa, a gente, a gente não desenvolveu aquilo que a gente tinha, a gente adquiriu uma quantidade, uma bagagem tão grande que eu acho que não tem, foi assim, foi terrivelmente doloroso, assim traumático, mas no final das contas resultou numa coisa extremamente enriquecedora, e que eu pelo menos eu não me arrependo. E eu acho que mamãe

tem muito...não deve ser arrependido. Mesmo porque a gente aprendeu, assim a beleza da luta deles, foi que eles quando a mamãe, quando falavam com ela, com eles: “Mas vocês tão expondo os filhos de vocês, vocês estão esquecendo os filhos de vocês.”, ela falava: “Não, é o que eu quero, eu tô lutando por eles e pelos filhos de todo o mundo.” E eu acho que isso, o quê que a gente pode... foi isso mesmo.

DANILO: E aí não sei se também só por causa disso, mais da metade de todos nós é tudo professor.

INTERLOCUTOR: Significa.

DANILO: Passando isso e os meus alunos falam comigo isso: “Professor, você podia trocar de nome, passar a chamar Danilo Google, porque ocê qualquer coisa que a gente pergunta ocê sabe falar, e explica não sei o que. Tem esse prazer em...”, não é convencer os outros, mas de mostrar, não é? Passar essa experiência não ficar só isso com a gente, né? Todos. Acho que o Billi é o único que não é professor, Marina foi parou de trabalhar como professora, trabalhar como professora, mas ela é uma professora no dia a dia também porque ela dá aula o tempo todo, ela é formada em biologia, trabalha na prefeitura de Anchieta, então assim e ela já foi cargo de chefe lá da parte de saúde, então ela sempre foi professora. Marina e Patrícia, Patrícia acho que a minha professora que me ensinou um milhão de coisas, e Marina cuidava muito do Alexandre e de mim, tanto é que o Alexandre virou pra mamãe e falou: “Mãe eu tenho duas mães”?

INTERLOCUTOR: Eu estou sem perguntas, você tem perguntas?

INTERLOCUTOR: Ah, tá. Eu não sei como, cheguei depois eu não sei se foi esclarecido, mas é só uma essa questão de quando vocês tiveram os documentos brasileiros foi quando vocês voltaram? Só nesse momento que cês tiveram passaporte, documentação brasileira, até então vocês eram apátridas?

PATRÍCIA: Não, quando a gente saiu, a gente saiu com o passaporte.

DANILO: Sim.

PATRÍCIA: Nós saímos com o passaporte, mas ele perdeu a validade, e a gente não podia...

DANILO: Entrar na embaixada.

PATRÍCIA: Entrar na embaixada, em nenhuma.

INTERLOCUTOR: De renovar, não é?

PATRÍCIA: No Chile tinha embaixada, mas ou seja, eu, diziam que se a gente entrasse na embaixada, por ser território brasileiro, a gente poderia ser simplesmente preso, sequestrado e pronto, então a gente não...

DANILO: Porque eu não sei se isso aí, eu nunca pesquisei isso, gostaria, a gente tinha até que olhar. Eu lembro de falarem que, não sei se era o ministro da justiça na época, logo quando, teve os 16, os 40 e os 70.

PATRÍCIA: É.

DANILO: Acho que pouco depois.

INTERLOCUTOR: 15, 35, 70.

DANILO: 35 a gente falava aos 40.

PATRÍCIA: Não, tinha outra, não, é que tinha mais, ou seja foram pro México, pra Argélia.

DANILO: E nós.

PATRÍCIA: E nós, só?

DANILO: Pro Chile. Foram, foram três sequestros.

INTERLOCUTOR: Foram três sequestros.

DANILO: Eu lembro que falaram o seguinte: “Filho de peixe, peixinho é.”, eu lembro dessa frase. Os filhos dos banidos que saíram do Brasil pra morar com os pais, também são considerados banidos.

INTERLOCUTOR: É, se vocês foram anistiados né.

PATRÍCIA: Não, nós fomos anistiados.

INTERLOCUTOR: Pois é, então.

PATRÍCIA: Depois teve, entrou um processo de anistia e nós fomos anistiados.

DANILO: Então ficou isso, então eu lembro que baixada brasileira, a gente passava... Eu tinha medo até de passar no mesmo passeio, com medo de, tipo assim eles podem me puxar pra dentro, eu lembro de ter, essa, essas coisas assim.

PATRÍCIA: A gente fez passaporte pra voltar?

DANILO: Pra aqui sim, pois é, o meu é de 78.

PATRÍCIA: Na Bulgária? É?

DANILO: Na Bulgária.

PATRÍCIA: É, então o meu também, só que eu não lembro.

INTERLOCUTOR: Já estava em processo de abertura, não é?

DANILO: É.

PATRÍCIA: É, tava no processo.

INTERLOCUTOR: Uma última pergunta, todo mundo voltou em 79, ou só vocês três?

PATRÍCIA: Não.

DANILO: Não, porque tava tudo bagunçado, né? Que nem por exemplo, ela foi pra Bulgária, então na Bulgária ficou Patrícia, Alexandre e eu.

PATRÍCIA: Aí nós voltamos com papai e mamãe.

DANILO: O Billi tava na União Soviética.

INTERLOCUTOR: Ele continuou lá?

DANILO: Ainda cursando.

PATRÍCIA: É, ele ficou lá.

INTERLOCUTOR: Ele estava fazendo faculdade?

PATRÍCIA: Tava.

DANILO: Tava, e Marina e Andréia em Cuba. Aí Andréia veio pouco depois não sei quando, mas pouco depois, 80 por aí, não sei, veio morar com a gente.

PATRÍCIA: É e eu fui embora.

DANILO: É Patrícia foi embora, aí Billi veio porque ele casou.

PATRÍCIA: Terminou, é.

DANILO: Mas ele não terminou não.

PATRÍCIA: É, ele terminou aqui.

DANILO: Ele casou lá e a esposa dele, terminou medicina Hélia, é Goiânia, de Goiânia, goiana, ela terminou medicina e veio tanto é que ele terminou aqui depois quando eles vieram pra cá.

PATRÍCIA: Em Lavras, não é?

DANILO: Ele terminou em Lavras, ele foi para Lavras terminar agronomia. Aí ele morou um tempo com a gente também na Goitacazes, quando Patrícia voltou pra Bulgária, Andréia tava lá, aí o Billi foi pra Goiás, porque a família da esposa dele é de lá e tinha outros médicos, ela formou em medicina e iam ajudar ela lá, ela fez acho que residência aqui e depois foi pra Goiás.

PATRÍCIA: Aí Marina e Pedro vieram.

DANILO: Aí Marina e Pedro vieram, mas como eles já tinham também as duas filhas que nasceram em Cuba, ele disse Pedro não conseguiu trabalho, Marina terminou a faculdade aqui.

PATRÍCIA: E eles voltaram para Cuba.

DANILO: E eles voltaram pra Cuba de novo. Ficaram lá até 90, acho que é, não sei por aí. Aí Patrícia veio..

PATRÍCIA: Não, aí ou seja, mas em 79 voltamos papai e mamãe, Danilo, Alex e eu. Aí Billi veio depois.

DANILO: Andréia.

PATRÍCIA: E veio Andréia.

INTERLOCUTOR: Dessa vez você não era casada ainda não?

DANILO: Não.

PATRÍCIA: Não, não, eu casei na Bulgária quando eu voltei pra lá em...

DANILO: 81...

PATRÍCIA: Em 80.

INTERLOCUTOR: O Billi, a esposa do Billi ela também era filha de exilado ou ela tava por outros motivos?

DANILO: Não ela não era filha de exilado, mas ela foi meio que fugindo daqui também, porque família dela era toda comunista e tal.

PATRÍCIA: É, família toda comunista e os irmãos tavam todos envolvidos.

DANILO: Tavam tudo envolvido também então.

INTERLOCUTOR: E Andréia ficou em Cuba, ela voltou e voltou definitivo?

PATRÍCIA: Quando Andréia voltou, ela voltou definitivo.

DANILO: Porque o marido dela que é chileno, foi pra Nicarágua, durante a guerrilha da Nicarágua.

PATRÍCIA: Não eles divorciaram, quando ela voltou ela já estava divorciada.

DANILO: Aí quando ele foi pra Nicarágua eles divorciaram depois e aí ela voltou.

INTERLOCUTOR: E ela não teve que casar menor de idade pra poder ficar em Cuba ou não?

DANILO: Não, não.

PATRÍCIA: Não.

DANILO: A que casou menor de idade foi a Marina.

INTERLOCUTOR: Entendi. Ela não, ela casou por vontade própria mesmo?

DANILO: Ela ficou casada com Pedro até ele...

PATRÍCIA: Não Marina ficou casada com o Pedro.

DANILO: Marina ficou casada?

INTERLOCUTOR: Não, mas a Andréia casou ela já era maior de idade? Aí ela ficou, ou ela ficou...?

DANILO: Marina, Andréia devia ter 17 e 18, porque ela é um ano mais velha que Marina só.

PATRÍCIA: Marina casou com 16 ela devia ter 17.

INTERLOCUTOR: Ela casou porque quis mesmo?

PATRÍCIA: É.

INTERLOCUTOR: Não foi?

DANILO: Sim. Não Marina casou porque quis, casou mais correndo.

INTERLOCUTOR: É mais pela questão de ser menor de idade.

DANILO: De não sair de Cuba.

PATRÍCIA: De não sair de Cuba né?

PATRÍCIA: É.

DANILO: Aí quando a Andréia divorciou lá em Cuba, e porque também o marido dela depois disso ele foi pro Chile, clandestino, né, ainda Pinochet, ele foi para lá para guerrilha lá no Chile. Aí ela veio pra cá, e aí ficou morando com a gente.

PATRÍCIA: Eu já não tava aqui.

DANILO: Quando a Deia veio você já não tava?

PATRÍCIA: Não, eu vim pra casa passei um ano, aí depois eu vim pra cá em 87, final de 87, com as meninas a gente ficou aqui até 90. Aí 90 eu passei um no em Portugal, meu marido é português, a gente passou um ano lá e aí eu voltei. E aí desde 91 eu tô aqui definitivamente por enquanto.

DANILO: Papai e mamãe nessa época, também acho que 80 e não sei quanto, eles foram pra Cuba de novo.

PATRÍCIA: É, eles ficaram um tempo lá trabalhando.

DANILO: Ficaram um tempo lá.

PATRÍCIA: Eu não lembro, quanto tempo?

DANILO: Não sei. Ele ficaram lá um tempo.

PATRÍCIA: Foi mais de ano, foi quando Cláudia nasceu e tal.

DANILO: É por aí. Aí depois eles voltaram definitivo também e desde 92 eles tão morando em Anchieta. Que aí Marina, quando Marina voltou da segunda vez com o Pedro, eles moraram um tempo em São Paulo, e aí depois foram pra Anchieta também. Aí desde então, Marina mora em Anchieta com pai e mãe.

INTERLOCUTOR: Bom, vocês querem falar mais alguma coisa?

PATRÍCIA: Eu acho que...

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível) gravada?

DANILO: Dessa época é isso.

INTERLOCUTOR: Informação também a gente pode pegar depois né, como poema que você falou da (trecho incompreensível).

PATRÍCIA: É, sempre vocês conseguiram me mandar.

INTERLOCUTOR: É.

PATRÍCIA: Eles tavam mandando aqui.

INTERLOCUTOR: Mas então eu vou encerrar, que também já é, passou o nosso tempo aqui, agora são 11:40, e agora a Janaína terminou com a gente aqui, a Janaína que é bolsista da COVEMG terminou o depoimento do Danilo e da Patrícia, eu vou agradecer ocês porque por mais que cês tenham falado que ah talvez não lembre e esquece, cês falaram um tempo e lembraram de muita coisa, né?

PATRÍCIA: Ou seja, eu espero que a gente tenha falado coisa importante.

INTERLOCUTOR: A memória ela vai reconstruindo em conjunto, assim coletivamente aí um lembra o outro não lembra. Mas obrigada, a gente tá à disposição pra depois se tiver mais informações, fotos também. Tá bom? 11:40 encerramos.

PATRÍCIA: Obrigada você.

DANILO: Ok, obrigada.

INTERLOCUTOR: Nossa, começou a ficar muito frio, não é?

DANILO: Também.

PATRÍCIA: Gelado, eu tô morrendo de frio.

INTERLOCUTOR: Tô tremendo aqui.